

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CAMPUS VII CODÓ  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

ALEXSANDRA MORAIS IDERIBA CORREIA

**MEMÓRIAS FEMININAS ACERCA DOS DESAFIOS DA ESCOLARIZAÇÃO EM  
CODÓ/MA NOS ANOS DE 1960-1970.**

CODÓ/MA

2018

ALEXSANDRA MORAIS IDERIBA CORREIA

**MEMÓRIAS FEMININAS ACERCA DOS DESAFIOS DA ESCOLARIZAÇÃO EM  
CODÓ/MA NOS ANOS DE 1960-1970.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – Campus VII Codó, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Tatiane da Silva Sales

CODÓ/MA

2018

ALEXSANDRA MORAIS IDERIBA CORREIA

**MEMÓRIAS FEMININAS ACERCA DOS DESAFIOS DA ESCOLARIZAÇÃO EM  
CODÓ/MA NOS ANOS DE 1960-1970.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão – Campus VII Codó, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas/História.

Orientadora: Tatiane da Silva Sales

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Prof. Dra. Tatiane da Silva Sales

Orientadora

---

Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa

---

Prof. Dr. Domingos Ribeiro Mendes Júnior

## **DEDICATÓRIA**

É com grande gratidão que tenho em meu coração a dedicar este trabalho a minhas tias Judite e Teresinha Mulheres da minha vida, sei que posso contar em todos os momentos, mesmo distante se fazem presentes nos momentos bons e momentos ruins. Judite a tenho como uma mãe, amiga, confidente, a quem sempre torce por mim e me ajudou e me confortou em momentos de angustias e tristezas. Ofereço a todos da minha família e amigos que torceram por mim!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente ao meu Deus, o todo poderoso que me deu sustento nos momentos de fraqueza e por me permitir chegar até aqui, ter me proporcionado serenidade para enfrentar todos os obstáculos que obtive pelo caminho.

Ao meu esposo Francisco José sempre me apoiando nos estudos e em especial, minhas filhas Beatriz e Isabella que tiveram a compreensão de por muitas vezes ficarem sozinhas tardes da noite a minha espera e me recebendo sempre com um sorriso me dando forças e incentivo a continuar quando o desânimo queria me assolar.

Aos meus colegas de curso pela companhia diária durante a trajetória e auxílio nas horas de dificuldades e desânimo, agradeço em especial aos amigos Raiane e Fabriciano que durante quatro anos estavam sempre dispostos com caronas a ir e vir a faculdade tenho estimas gratidão em terem me ajudado com esse contratempo.

Agradeço também ao José de Ribamar (Júnior) servidor da UFMA sempre disposto a me ajudar quando precisei um amigo que irei guardar sempre em meu coração, nas horas de desespero ele sempre estava ao meu amparo.

Agradeço a todos os professores da UFMA Campus VII em especial minha querida Professora e amiga Fabiana Correia, Edyene e Maria Socorro que de algum modo foram muito importantes em minha formação, me dando forças e torcendo sempre por mim.

Por fim agradeço minha admirada orientadora Tatiane da Silva Sales, aceitando o convite em me orientar, mesmo doente durante esse período teve sempre muita paciência e inteligência me incentivando e enriquecendo o conteúdo deste trabalho com suas contribuições, mesmo distante se fazendo sempre presente com todo o companheirismo reservo a você um agradecimento especial!

### **Desafios** (poema)

Viver é enfrentar desafios.

Quem nunca enfrentou desafios, apenas passou pela vida, não viveu.

Sim, todo mundo quer uma vida tranquila e estável, mas não se consegue isso sem luta, esforço e muita coragem.

E ninguém quer uma vida medíocre, sem sal nem açúcar. Definitivamente, isso não é coisa que engradece a alma. Mas se quiseres seguir adiante com glória, tenha ciência de que às vezes é necessário mudar a estratégia do jogo radicalmente.

Você poderá perder muitas peças e muitas batalhas no caminho. E não importa o quanto você sofra, o quanto você apanhe. Você precisa reunir suas forças e seguir em frente.

Mesmo que tudo pareça perdido, não esqueça: na vida, assim como num jogo de Xadrez, enquanto você estiver de pé e lutando, nada estará perdido. Basta que você mantenha o Espírito e siga em frente. (Augusto Branco)

## RESUMO

Esta pesquisa busca analisar a trajetória de vida de algumas mulheres da cidade de Codó/MA, historicizando a situação da educação da mulher nos anos de 1960 a 1970, apresentando suas histórias de vida os desafios enfrentados por elas e as dificuldades encontradas ao longo do caminho para sua escolarização. Utilizando como metodologia, pesquisas de campo e obtendo informações através das entrevistas, a partir dos fragmentos de suas memórias e da reconstrução de suas trajetórias de vida pela história oral, onde podemos perceber que a memória é considerada lembranças ancoradas no presente, uma fonte para a reconstituição dos caminhos vividos por elas, nas quais nunca seriam ouvidas e relatadas. Buscou-se apoio teórico nos estudos de Alves (2016), Delgado (2010), Ferreira (1998). Após essas análises concluiu-se que essas mulheres passaram por muitos obstáculos na sua vida pessoal, estudantil e profissional para conseguirem seus objetivos, resultando assim que algumas mulheres conseguirem alcançar sua formação e outra não.

**Palavras Chave:** Mulheres-Memórias-Educação.

## **ABSTRACT**

This research aims at analyzing the life trajectory of some women in the city of Codó / MA, historializing the situation of women 's education in the years 1960 to 1970, presenting their life histories the challenges they faced and the difficulties encountered along the way for their schooling. Using as methodology, field research and obtaining information through interviews, from the fragments of his memories and the reconstruction of his life trajectories through oral history, where we can perceive that memory is considered memories anchored in the present, a source for the reconstitution of the paths lived by them, in which they would never be heard and reported. We sought theoretical support in the studies of Alves (2016), Delgado (2010), Ferreira (1998). After these analyzes it was concluded that these women had many obstacles in their personal, student and professional life to achieve their goals, resulting in some women achieving their training and another not.

**Keywords: Women-Memories-Education.**

## LISTA DE FIGURAS OU ILUSTRAÇÕES

<b>Imagem 1: Alzira Marques do Nascimento.....</b>	<b>40</b>
<b>Imagem 2: Maria do Socorro Guedelha.....</b>	<b>46</b>
<b>Imagem 3: Adorivia Gonçalves Rolim.....</b>	<b>51</b>
<b>Imagem 4: Exame de Admissão.....</b>	<b>53</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPITULO 1</b> .....	11
1.1 A importância da história e reflexos sobre Maranhão e Codó nas décadas de 1960 e 1970 .....	13
1.2 O Maranhão e Codó nos anos de 1960 e 1970 .....	22
1.3 A Educação no Maranhão e em Codó .....	26
1.4 A educação feminina e condição social da mulher no Maranhão .....	33
<b>CAPITULO 2</b> .....	38
2.1 Mulheres e seus desafios para a escolarização: histórias, memórias e trajetórias em Codó nos anos de 1960 e 1970.....	39
2.2 Instrumento de coletas de dados .....	40
2.3 Sujeitos da pesquisa.....	41
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	59
<b>APÊNDICE I</b> .....	62
<b>APÊNDICE II</b> .....	64
<b>APÊNDICE III</b> .....	65

## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer do percurso de minha vida acadêmica, foram enfrentados alguns desafios, os quais me levaram a acreditar que eu não conseguiria concluir o curso superior. Diante desses desafios despertou o intuito de entender como outras mulheres em condições semelhantes enfrentaram esses obstáculos.

Então para obter os resultados esperados manifestou-se então o desejo de buscar algumas mulheres que realizaram estudos em nível de ensino fundamental até superior, enunciando algumas dessas mulheres com a finalidade de trazer essas discussões para o campo da Universidade no intuito de apoiar essas mulheres como forma de reconhecimento. Desta feita, buscamos entender como se deu os caminhos e percursos de três mulheres em seu processo de escolarização no Brasil, em especial, no Maranhão nos anos de 1960 e 1970, destacando a importância da história oral como metodologia de pesquisa, tendo assim três mulheres como fonte de estudo e a importância de suas memórias para o estudo educacional, recordando conceitos de acordo com suas lembranças e obtendo a caracterização de suas lutas e dificuldades que passaram ao longo de suas formações.

No segundo capítulo apresenta a história oral, pois foi por ela que se compreenderam as experiências e os aspectos de vida dessas mulheres.

Memórias são documentos localizados em suas mentes que irão retroceder essas trajetórias em sua oralidade, suas experiências vividas anteriormente relatando assim a história de cada uma delas, pesquisas essas que serão de extrema importância em apoiar a mulher como objeto de estudo para futuras pesquisas relacionadas ao assunto.

Observando algumas mulheres na Universidade pode-se perceber não só a evasão escolar de algumas mulheres, mas também as dificuldades em que alguma delas passa no decorrer de sua graduação por problemas que aparecem durante o curso, que por força maior pensam logo que a melhor maneira será desistir de sua graduação, achando assim que a melhor solução ao problema seria desligar-se de seu objetivo, o abandono do curso, pois problemas, dificuldades sempre surgirão. Com filhos, trabalho, família até mesmo na Universidade você irá achar que não será capaz de concluí-la por conta de problemas diários que surgirão durante o período acadêmico, haja vista que se a mulher não souber superar ou tiver um apoio extra, terminará desistindo mesmo. Digo isso, pois diversas vezes pensei em abandonar a graduação por problemas familiares e responsabilidades que socialmente são atribuídas às mulheres, confesso que nunca pensei em poder chegar, por conta de muitos

problemas que passei. Lembro-me que há cinco anos meu esposo estava me incentivando a fazer o Enem para entrar na faculdade, fiz, passei! É com honra que digo que entrei na Universidade por “Cotas” acredito que não teria essa oportunidade em outro estado, pois a concorrência é grande! Foi um sonho entrar aqui, é um sonho estar aqui com 45 anos de idade. Conseguir ingressar ao ensino superior, habituar-me ao novo ritmo de estudos, pois passamos por grandes dificuldades ao longo dessa trajetória.

A partir da minha percepção, da minha história de vida, da minha trajetória, do meu olhar, eu Alexandra já adulta, mãe de duas filhas, ficando fora da sala de aula por 27 anos manifestou-me um olhar para a escolarização da mulher na cidade em que resido. Despertou-me para pesquisar o tema: **Memórias Femininas Acerca dos Desafios da Escolarização em Codó/MA nos anos de 1960-1970**, com objetivo geral de compreender como ocorreram os processos de escolarização de mulheres na cidade de Codó, destacando os discursos sobre si, e acerca de si, no que tange a relação entre ocupação dos espaços públicos e privados entre os anos de 1960 e 1970. E com os objetivos específicos de contextualizar a cidade de Codó e as Políticas educacionais do Maranhão e de Codó; Identificar nas memórias e histórias de vida, quais processos tais mulheres vivenciaram para efetivar a escolarização e exercício profissional; e analisar a elaboração dos discursos femininos sobre si e a condição social feminina mediante a escolarização.

Além das memórias das mulheres entrevistadas foram também utilizados jornais sobre Codó, disponíveis na Biblioteca Municipal de Codó e Biblioteca Pública Benedito Leite<sup>1</sup> (1960-1970). Foram realizadas entrevistas sobre histórias de vida e trajetórias educacionais de mulheres na cidade de Codó.

---

<sup>1</sup> Ver acervo virtual da BPBL e visita no Arquivo Público de São Luís, pesquisas no local. Monografias defendidas em Codó (ver acervo da biblioteca da UFMA)

## **CAPÍTULO 01**

### **1.1 A importância da história e reflexos sobre Maranhão e Codó nas décadas de 1960 e 1970.**

No primeiro capítulo abordo sobre A Escola dos Annales, surgindo em 1929 na França durante o século XX criada por Lucien Febvre e Marc Bloch com a publicação de uma revista que interpretava não só a história, mas todas as outras disciplinas, com orientações que se baseavam em documentos escritos e oficiais, grandes eventos e fatos políticos, teve a inserção de novos tipos de fontes de pesquisas fundamentais para a melhoria e o desenvolvimento das disciplinas, pois qualquer rastro feito pelo homem deve sempre haver uma fonte histórica a ser pesquisada. A Escola dos Annales nos permite maior e melhor compreensão das civilizações, na qual estudou-se as mulheres através de sua oralidade e memória atento às múltiplas temporalidades existentes, colocando ricos elementos para o conhecimento da sociedade.

Falaremos também sobre a história oral, que é de grande importância para meu trabalho e ao historiador, suas contribuições para estudos dessa área são a importância do método de pesquisa, produção de fontes, caminhos que procuram respostas trazendo assim os detalhes da história. Diante dessas contribuições o historiador passa a compreender melhor o passado por meios dos agentes sociais.

A metodologia da história oral tem grande importância em minha pesquisa, pois foca em investigar informações e depoimentos de mulheres que passaram experiências como docentes e discentes na Rede Pública e Privada na cidade de Codó. Prefiro a abordagem qualitativa com base em depoimentos de mulheres que puderam narrar suas memórias vividas naquele período. A pesquisa qualitativa enriquece o nosso entendimento, pois devem ser cuidadosamente trabalhadas algumas informações que se não estiverem bem esclarecidas podem ser confundidas ou distorcidas pelo locutor.

Segundo González Rey (2002) Toda pesquisa qualitativa deve implicar no desenvolvimento de um diálogo progressivo e organicamente constituído, como uma das fontes principais de produção de informação. No diálogo se criam climas de segurança, tensão intelectual, interesse, confiança, que favorecem níveis de conceituação da experiência que raramente aparecem de forma espontânea na vida cotidiana.

No primeiro capítulo veremos um pouco sobre as Escolas dos Annales composta por diversos historiadores alunos de Lucien Febvre e Marc Bloch no séc. XX, sobre as histórias e acontecimentos importantes que ocorreram neste período.

Comentar sobre a cidade de Codó desde quando ainda denominado povoado, o que moveu para o crescimento da cidade, suas economias e seus investimentos as transições importantes nos anos de 1960 e 1970, as crises urbanas e as medidas de mudanças de governo. O processo da educação nesses períodos suas dificuldades e a trajetórias da LDB os percursos que as mulheres tiveram a percorrer, a serem aceitas no mercado de trabalho sendo-as discriminadas pelos homens da sociedade.

A importância do movimento da Escola dos Annales deve-se ao fato do mesmo ter sido um divisor de águas, em se tratando de produção historiográfica. Com efeito, as produções da contemporaneidade não romperam completamente com Escola Metódica, com história factual, mas há nos meios de produção atualmente uma preocupação em projetar uma história problema, que olhe não mais pelo viés do Estado, dos grandes heróis, dos grandes feitos da humanidade, mas que se atente para outros sujeitos da história, os que foram considerados sem história, os que foram condenados ao silêncio.

Insatisfeitos com uma história factual, objetiva, dos grandes homens baseado no método positivista e nas abordagens ditas rankianas, Marc Bloch e Lucien Febvre juntamente com um grupo de intelectuais franceses problematizaram o campo historiográfico buscando uma história mais totalizante e abrangente, cujo redescobrir do homem pudesse contemplar determinadas realizações humanas que até então ainda não abordadas pela história. Descobri-se um campo vasto para um novo fazer historiográfico o qual percebe a necessidade de outros aportes teóricos e metodológicos como instrumentos que contribuiriam para o historiador entender o homem em sua plenitude, sobretudo com a inserção de diálogos com outras áreas do saber e promovendo a interdisciplinaridade.

É como destaca Peter Burke:

A escola dos Annales foi uma revista criada na França em 1929, responsável pela criação do que hoje é chamado de “Nova História”. Até o momento da criação desta revista, a história era basicamente positivista. Esta história consiste na exaltação de grandes homens, grandes feitos, uma história política que em muitos casos era uma forma de legitimação. Quaisquer outras abordagens históricas, quando tentadas, dificilmente recebiam o devido interesse. Aos poucos, essa história positivista fortemente influenciada pelas Ciências Naturais começou a receber duras críticas, principalmente por parte dos durkheimianos. Foi então que Lucien Febvre e Mark Bloch criaram a já citada revista Annales. Sua metodologia, que futuramente se estabeleceu como novo paradigma consistia em abrir caminho para uma interdisciplinaridade entre a história e as Ciências Sociais, aos poucos estendendo

esta conexão com outras disciplinas como a Geografia, Antropologia e a Psicologia. (BURKE, 2010, p. 180).

A produção intelectual criada no campo historiografia a partir do início do século XIX teve, e tem forte influência da Escola dos Annales, definido por BURKE (2010 p, 13) como: “um movimento dividido em três fases [...], de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno travando uma guerrilha entre a história tradicional e a história dos eventos”. A outra data-se depois da Segunda Guerra Mundial, e nessa fase o movimento mais se aproxima, foi dominada pela presença de Fernando Braudel, a terceira em 1968 com Jacques Revel e André Burguière envolvidos na administração dos Annales.

Essa Revolução dentro do campo historiográfico trouxe à luz outros horizontes, os quais nunca se tinham contemplado. Com efeito, é a partir desse momento que os chamados temas “malditos”, ou seja, aqueles que tratam dos excluídos sociais como pobres, prostituta, negro, mulheres, índio ganham notoriedade e começam a ser discutidos. Além disso, outras categorias como cidade, sexualidade e família também passaram a ser debatidos e refletidos.

Em *Domínios da História*, Rachel Soihet (1997) afirma que as mulheres não foram de imediatas incorporadas à historiografia dos Annales, mas contribuíram para que estudos pudessem se realizar em um futuro próximo àquela época. Essa autora menciona, ainda, a década de 1960 nos Estados Unidos, que a onda do movimento feminista tomou conta das ruas, pois muitas mulheres reivindicaram por direitos, e onde tiveram como resultados a instauração de cursos nas universidades dedicados ao estudo das mulheres.

O movimento feminista contribuiu significativamente para a incorporação de temas relacionados às mulheres, visto que problematizou as desigualdades de gênero existente na sociedade, bem como a elaboração de políticas públicas e de como o Estado se organizou para tanto. É importante salientar que o ingresso das mulheres no meio acadêmico não significou necessariamente a equidade de gênero.

Percebe-se que a presença das feministas acadêmicas teve sua importância, pois percebeu a mulher como sujeito e objeto de pesquisa, assim surgiu um leque de oportunidades tais como: Estudo da Mulher, Estudo do Gênero, Estudos Feministas. Além do mais, houve uma tentativa de transformação da ciência androcêntrica<sup>2</sup>.

À luz dessas considerações se correto pensar que foi a partir da década de 1960 que a abordagem do gênero ganha mais força por causa da intensidade dos movimentos que

---

<sup>2</sup>Androcêntrismo provém do grego andrós. Refere-se à concepção ou saber supostamente neutro e universal que privilegia o ponto de vista dos homens como eixo articulador do discurso social e lógico-científico, sem considerar ou desvalorizando o ponto de vista das mulheres.

surgiram desde então. Não deixando de mencionar as teóricas mais referenciadas nessa área: a francesa Simone Beauvoir, em 1949, com seu livro *O Segundo Sexo* e a americana Joan Scott, em 1980, com seu artigo *Gênero: uma categoria útil de análise*.

O conceito de gênero se dá conta da mudança que se passou em nossa história, mudanças que foram baseadas em teorias, esforço das feministas explicando a origem do patriarcado, o marxismo que procurava criticar as feministas e inspirar-se em varias escolas de psicanalise para explicar a produção e a reprodução de identidade de gênero, também foi uma referência pelos quais o poder político foi criado, comprovado e também criticado referindo-se a oposição homem/mulher.

Visões que colocam a mulher com estereótipo de sexo frágil, de que o homem é e pode tudo e que a mulher teria a função apenas de procriar (parir). A mulher vista assim atende uma lógica biológica. A contribuição dessa autora ratifica esse pensamento de que “o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres” (SCOTT, S/D, p. 03).

Além disso, a problemática sobre uma teoria feminista ganhou destaque no meio acadêmico visto que, conforme Rachel Soihet (1998), “Scott afirma a impossibilidade de tal conceitualização efetuar-se no domínio da história social, segundo ela, marcado pelo determinismo econômico” (SOIHET, 1998, p.79). A partir desse desafio, essa autora propõe que tais estudos obedecessem a terceira geração do Annales cujos estudos comungavam com Michel Foucault e Jacques Derrida, capazes de fornecer ao feminismo uma perspectiva analítica poderosa.

Cintia Lima Crescêncio (2010) ao comentar sobre o livro *História e Gênero* da historiadora Lisly Gonçalves (ano) ratifica o longo processo da história das mulheres. Ela diferencia a militância feminista do século XIX do movimento feminista do século XX e suas lutas para serem incluídas no sufrágio universal. Além do mais Lisly Gonçalves trouxe à luz a variedades de fontes pelas quais o historiador pode enveredar para construir os seus trabalhos sobre as mulheres.

Dentro da esfera de interesses da geração dos Annales, a pesquisa com mulheres vai ao encontro das finalidades propostas por tais intelectuais: dar voz aos excluídos da história. É com esse intuito que se faz mister relacionar a narrativa, memória e gênero. Esses sujeitos que durante muito tempo não eram preocupação enquanto objeto de estudo são os que contam as suas experiências. As mulheres são, por excelência, narradoras de suas trajetórias.

Em Walter Benjamin (1994) a relação entre memória e narrativa é possível de ser feita no momento em que a faculdade de narrar atualiza-se no presente elementos do passado. Não se pode entender a memória como algo ligado ao passado, ao esquecimento, pois se assim pensar corre-se o risco de trilhar pelos caminhos de uma história positivista que busca a “verdade absoluta”. Seguindo essa toada, ao estudar as mulheres através de sua oralidade pode-se descobrir como é a riqueza da memória, o historiador deve, também, estar atendo as múltiplas temporalidades existentes, bem como a não linearidade pertinente ao método da história oral.

A história oral, é um vasto campo que nos interessa estudar, permite ao historiador ter o registro de histórias que são trazidas pela a memória de pessoas que muitas vezes são consideradas agentes sociais, ou seja, “sem história”. A mesma traz à luz nuances que comportam grandes reflexões sobre um passado que nos foi apresentado e que, dependendo da repercussão, pode vir a ser algo pronto e acabado. A importância da história oral para o historiador, uma vez que é um forte instrumento na construção do conhecimento sobre o passado, através da narrativa de pessoas que verbalizam o que ainda não foi dito. Para construir essa reflexão torna-se importante realizar um passeio na discursão do método, na gênese da história oral e sua contribuição para os estudos na área.

Uma das fortes contribuição que o método ofereceu à história foi delimitar o espaço que o pesquisador dessa ciência deveria trabalhar. Sabe-se que a história nasce de outro campo, a Filosofia, que até o século XVIII tinha o papel de explicar a realidade, mas que não realizava um estudo profundo do passado. Nesse sentido explica Grespon (2008, p. 291) “Graças ao emprego de certos instrumentos específicos de trabalho, o praticante da nova ciência pensava se afastar de incômodas interferências [...] segundo, do filósofo cujos pressupostos metafísicos passavam por cima do individual”. Mesmo com todas as dificuldades que eram inerentes à História enquanto ciência que estava se erguendo, ela também poderia oferecer uma verdade com uma certeza razoável.

Como fazer? Quais são os passos que o homem do tempo deveria seguir para alcançar a certeza de uma verdade? Segundo (Ginzburg apud Pensavento, 2008), o método da História Cultural é muito alastrado dentro da academia e que concebe o historiador como um detetive que decifra um enigma, ou revela um segredo ou podemos citar outro como, por exemplo, Walter Benjamin que nos oferece o método da montagem. Nele, o pesquisador recolhe os traços e registros do passado e realiza uma montagem de um quebra cabeças com sentido e, assim, faz uma analogia, dialéticas e etc. para assim tecer uma leitura do passado.

Esses métodos são dotados de ampla estima para o ofício do historiador, mas não se pode deixar de mencionar que no campo da história oral é importante que a análise seja feita não só através de leituras bem como trancar-se em um laboratório e tentar trazer algum segredo ou enigma do passado.

Mas é preciso ir de um texto a outro, sair da fonte para mergulhar no referencial de contingência no qual se insere o objeto do historiador. Do texto ao extratexto, esse procedimento potencializa e a interpretação e assinala uma condição especialíssima, e que é o verdadeiro capital do historiador: a sua erudição (PESAVENTO, 2008. p. 65).

Conforme Grespon (2008), o método trouxe a possibilidade de obter a verdade, porém ele poderia ser visto como uma ferramenta que poderia servir para o bem ou para o mal, uma vez que ele buscou saber as nossas proposições sobre o real, ou seja, saber se nossos pensamentos são de modo objetivo. O positivismo ainda fincou raízes na Nova História, haja vista que a neutralidade exigida no século XIX, com o positivismo exercia um elemento mister para se trabalhar com o método. Logo, os historiadores perceberam que essa postura de neutralidade perante o objeto quase sempre não acontecia.

É a partir de então que no século XX o diálogo com as Ciências Sociais acontece no sentido de proporcionar a interdisciplinaridade e, assim, tecer discursões e reflexões com os conceitos da Sociologia, Geografia, Economia e Antropologia que ajudaram na formulação de hipóteses. Mas a crítica a esta interdisciplinaridade questionou a história enquanto ciência, pois o historiador bebia das fontes sociais para elaborar as suas teorias.

A contribuição ou aproximação da Antropologia com a História foi um pouco mais além da utilização de certos conceitos explicativos, relacionados ao domínio do simbólico e à representação. Fornecendo ao historiador os exemplos de um método altamente significativo para realizar uma pesquisa intensa, descrevendo a realidade observada nos seus mínimos detalhes [...] a descrição densa da Antropologia ensinou como explorar as fontes nas suas possibilidades mais profundas, fazendo-as falar e revelar significados. (PESAVENTO, 2008. p.66)

O método dentro da história oral na maioria das vezes é dotado de subjetividade. Mas será que essa subjetividade é um mal para a o ofício do historiador? Ou ele é um mal necessário. Nesse sentido, Grepon (2008, p. 299) nos diz que “[...] foi longe demais na pregação de uma objetividade neutra e pura, mas não estava completamente errada quando advertia para o perigo de uma má subjetividade, a impedir a comunicação das experiências de pesquisa”. A metodologia da história oral por vez pode ser vista por uma ótica negativa e que comporta uma séria discursão analisando-a com suspeição.

Há de se observar que isso se deu em virtude da formação dos universitários eruditos que até então estudavam a história da Idade Média e que viam na nova história, que num primeiro momento busca trazer à luz uma espécie de biografia sobre a vida de militantes<sup>3</sup>, com desprezo. Conforme Ferreira (2002), a explicação para essa situação deve-se ao fato de que o período recente não exigia uma farta cultura clássica, nem o controle dos procedimentos eruditos do método histórico. Os que se interessavam pelo contemporâneo na verdade concebiam a pesquisa histórica como um meio de ação política.

A importância da história oral é possível perceber em sua gênese, com desprezo que talvez tenha acontecido pela força que tradição impôs no seu nascimento. No método buscamos entender o seu surgimento a partir do momento que a história ganha status de ciência que tinha a sua autonomia; para compreender o surgimento da história oral.

No método buscamos entendê-lo o seu surgimento a partir do momento que a história ganha status de ciência que tinha a sua autonomia; para compreender o surgimento da história oral, vamos nos deter nesse primeiro momento na institucionalização da história como disciplina universitária. Essa definição de história que estava fundamentada na ruptura do passado com o passado.

Se se acreditava que a competência do historiador se devia ao fato de que somente ele podia interpretar os traços materiais do passado, seu trabalho não podia começar verdadeiramente senão quando não mais existissem testemunhos vivos dos mundos estudados. (FERREIRA, 2002. p. 315).

A nova forma de fazer história ia de encontro com a História positivista do século XIX e que se a teve num primeiro momento reconciliar o saber do povo e se voltar para a história daqueles que eram considerados “sem história” e que segundo Alberti (2008), representou um avanço para as disciplinas das Ciências Humanas. Como já foi dito acima sobre o interesse da história oral de deter nos membros de grupos sociais, essa nova história foi muito importante para aqueles que não tiveram vez nas pesquisas de cunho acadêmico. Mas é obrigatório entender algo que é muito importante para qualquer pessoa que deseja ingressar na pesquisa oral e que Alberti nos alerta enquanto escritores da História.

[...] algumas práticas e crenças da chamada História Oral “militante” levaram a equívocos que convêm evitar. O primeiro deles consiste em considerar que o relato que resulta da entrevista de História oral já é a própria “História”, levando à ilusão

---

<sup>3</sup>É bom enfatizar que o interesse da História Oral em pesquisar militantes se deu na década de 1960, paralelamente ao aperfeiçoamento do gravador portátil e que via a História Oral como uma forma de dar voz a minorias.

de se chegar à verdade do povo [...] o equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é a “História”. (ALBERTI, 2008. p.158).

Na maioria das vezes somos levados a acreditar que a entrevista publicada já é a história em sua totalidade e nesse momento o historiador pode se perder, pois não dá para uma única entrevista ou um grupo de entrevistas de conta de forma definitiva e que seja dotada de completude daquilo que aconteceu no passado.

Na reta final desse texto não se pode deixar de mencionar de fato as peculiaridades e importância que é inerente da história oral e que auxilia no ofício do historiador. O enredo de uma fonte histórica, ou seja, os caminhos e auxílios que o narrador utiliza para verbalizar a sua fala são extremamente inéditos. Essa unicidade permite o pesquisador tratar com muito zelo a interpretação do passado ou da realidade que foi apresentada pelo narrador. E preocupa-se com a análise desses enredos é algo que pode beneficiar para o historiador grandes descobertas.

[...] supõe também atentar para as dimensões imaginárias e simbólicas presentes em cada narrativa, como realidades históricas, procurando avançar na decodificação de significados profundos das relações sociais vividas por essas pessoas; supões, ainda, atentar para os modos como dimensões presentes, passadas e futuras se cruzam e se relacionam nos enredos narrados [...] (KHOURY, 2001, p. 84)

Talvez, seja por isso que Cardoso (2000) nos apresenta a especificidade desta narrativa histórica como um estudo que procura encontrar uma forma de narratividade cuja composição possa oferecer subsídios para dar conta dos entrecruzamentos temporais a partir do desenho daquilo que ela chama de “ausências” na história que são motivadas a partir dos esquecimentos, dos silêncios, do não dito.

Realmente, a tarefa de compreender o outro e sua experiência não é fácil, principalmente os seus silêncios que mesmo sem proferir nada, acaba nos dizendo algo ou sobre o assunto referente a nossa pergunta. É interessante notar que durante o desenvolver da nossa pesquisa com história oral que vamos nos habilitando para melhor captar nos enredos, nos modos de ser e de viver de cada pessoa. A multiplicidade de sujeitos nos é revelada de tal forma que fica fácil perceber a oscilação, maleabilidade das pessoas ao lidar com circunstâncias especiais. De acordo com Houry, Estudos que se desenvolvem nesse sentido têm se concentrado mais nas dimensões da literatura oral e escrita, no seu imbricamento e nas múltiplas interferências, do que na presença da oralidade nas práticas diárias das pessoas, no aprendizado, preservação e/ou transformação de hábitos; na transmissão de cotidianidade e

rotineira de costumes, tradições ou modos de trabalhar, etc. Enfim, na constituição dos sujeitos sociais. (KHOURY, 2001. p. 92).

E diante de uma discursão histórica sobre o uso da oralidade perante a escrita, vale ressaltar que as duas são imprescindíveis. São fontes que não são excludentes, mas que se completa no sentido de contribuir para uma pesquisa cuja culminância acontecerá a partir do momento que as duas fontes se unirem mutuamente. Por outro lado, devemos estar cientes de que ambas têm suas peculiaridades em se tratando de sua constituição interna.

Tendo em vista que estamos concluindo este texto sobre a importância da história oral para o historiador, não podemos deixar de mencionar outro estudo que é bastante realizado dentro das academias, a compreensão dos processos de configuração e transformação das cidades que reflete as relações entre espaço, cultura e memória, a partir dos seus moradores. Segundo Khoury (2001 p.95) é “descortinar espaços e modos de trabalhar e morar, [...] além de permitir identificar e compreender melhor modos como esses moradores projetam, constroem seus territórios”. Dessa forma esse estudo não busca igualar as formas de manifestações culturais que há nesses lugares, mas colocar em destaque e explicar essas diferenças que podem representar importantes descobertas.

Diante dessas contribuições da oralidade, o historiador exerce um grande papel no processo de compreensão do passado por esses agentes sociais. Com dificuldades para interpretação do passado, ele deve ter a consciência de que segundo Khoury (2001), o diálogo é um processo dinâmico, por meio do qual pesquisador e entrevistado vão se modificando e reformulando suas interpretações e que estes são elementos da cultura e do movimento da história, desta forma o historiador tem o papel fundamental na transposição da história contada e dita para assim, registrar as memórias lembradas de outrora.

A história oral esta intimamente ligada à memória que é estabelecida como lembranças mantidas no esquecimento, onde a mesma não é garantia da reconstituição histórica segundo os saberes científicos, toda via a história oral possui grandes riquezas oferecidas através das memórias.

A narração tem características de que fala, haja vista que é uma memória de suas lembranças que comunica e recria suas experiências que sofre influências do gênero, porém está condição se distancia da memória feminina, haja vista que a memória feminina está permeada de estereótipos ligados a condição biológica do ser, onde se garante aos homens e mulheres tarefas específicas.

O papel designados aos homens e mulheres está desmembrada dos pensamentos sexuais que caracterizam os seres masculinos e femininos na perspectiva de atribuições para ambos os sexos em que a mulher teria seu papel restrito de dona de casa, mães e esposas esta atribuição desligado de tarefas específica a cada um, haja vista que esta construção corre de forma histórica levando em consideração a igualdade entre ambos os sexos.

As experiências femininas para a construção da memória têm grandes contribuições ao longo da história em especial na década de 70, onde as mesmas passaram por grandes mudanças em suas vidas familiares, adquirindo independência e autonomia de suas vidas.

Os relatos por essas mulheres possuíam uma dimensão social, pois passaram a adquirir papéis que promoviam as mudanças culturais familiares, particular pela forma que viviam a selecionar suas experiências que deveriam ser contada em diferentes momentos de sua trajetória de vida.

A história oral é uma junção de experiências de pessoas que relatam sobre vários aspectos de suas vidas tendo ligação ao seu contexto social. A construção histórica feita através da oralidade é um processo inacabado, pois é realizado a partir de coletas individuais e coletivas, que possui grande importância na construção da racionalidade no qual o indivíduo é matéria-prima para o trabalho pesquisada e narrativa para o entrevistador.

Segundo Lins de Barros (2011), em suas pesquisas sobre memória ressalta a relação entre gênero, curso de vida e memória que ao longo da história percebe-se as desigualdades de gênero e classe, comparando relatos de homens e mulheres nas diferentes camadas sociais dando ênfase as mulheres que constitui a classe trabalhista, analisando a sua relação entre a família e trabalho que contribuiu para a análise da família com suas influencias da modernidade, as relações de submissão de gênero, permitindo assim um novo olhar sobre o papel familiar, novos diálogos sobre sexualidade, vida doméstica que possibilitaram novas organizações sobre memória e narrativa.

## **1.2 O Maranhão e Codó nos anos de 1960 e 1970**

O subitem em sequência procura abordar as condições econômicas, políticas com foco na educação em um período de importantes transições no estado do Maranhão. O estado, juntamente com a capital, São Luís - entre as décadas de 1940 e 1970, atravessou por algumas mudanças tais como: intenso êxodo rural, crises políticas e econômicas e ampliação do sistema educacional influenciando a organização do ensino superior no estado. Neste período

com o Estado Novo formando um governo centralizador, o estado teve dois interventores Major Humberto Mendonça e Paulo Ramos, nomeados por Getúlio Vargas, e posteriormente pelo senador Vitorino Freire. José Sarney foi o primeiro Governador eleito no período do Regime Militar.

Segundo LIMA<sup>4</sup> (2018) a partir do crescimento urbano, impulsionado pelas fábricas, a cidade de São Luís viveu certa mobilidade e dinâmica, que pelo aumento no volume de pessoas, várias mudanças aconteceram na estrutura urbana de São Luís, que na situação de capital do estado foi nas regiões centrais em detrimento de periferia como os bairros João Paulo e Anil ocupados por invasores. Na década de 1940 as instalações de algumas fábricas aumentou a população urbana da capital que na época concentrava 15% da população do estado, a falta de estrutura urbana fez crescer os bairros longe da região central como; Liberdade, Apeadouro, Monte Castelo, Fátima, Alemanha, João Paulo, Jordoa e Sacavém. Apesar deste crescimento urbano da capital em 1980, São Luís concentrava muitas mulheres sem qualificação desta forma a população urbana fez com que a maioria não conseguisse colocação no mercado de trabalho levando as atividades autônomas. Durante a década de 1960 o Maranhão recebeu um grande fluxo de imigrantes de outros estados nordestinos principalmente do Ceará e Piauí, conforme Bonfim (1985, p.3).

Entre as décadas de 1970 e 1980, São Luís teve um crescimento populacional de 65%, desta vez de imigrantes do interior do próprio estado, de acordo com o jornal do povo de 23 de abril de 1963. Grileiros vindos da Bahia estavam expulsando as populações localizadas entre a margem de BR 14 e a divisa do Pará. Outra região que teve sérios problemas por posse de terras foi à região do "bico do papagaio" entre Maranhão, Pará e Tocantins contribuindo para imigração para a capital de São Luís, pois a situação urbana piorou já nas décadas de 1940 e 1950 a população enfrentava problemas de locomoção, fornecimento de energia elétrica e infraestrutura urbana. Todo esse conjunto de situações, isolar ainda mais os discursos de intelectuais e governantes sobre a situação ainda era feito no sentido de se resolver o problema com os governantes e a associação comercial comprando a baixa produtividade agrícola, que envolvia o babaçu e o algodão.

A produção do arroz entre 1930 e 1940 foi a que teve maior crescimento, graças a orientações e assistência técnica oferecida pela Secção de Fomento Agrícola, Órgão do Ministério da Agricultura, e pelo departamento técnico da Associação Comercial do

---

<sup>4</sup> "Onde as raparigas não entram: relações de gênero e sociabilidade no Centro Operário Codoense – MA (1953-1963)." (Monografia apresentada pela autora no curso de Ciências Humanas História em 2018. UFMA/Codó-MA).

Maranhão. A situação política do Maranhão após o Estado Novo – (1945) Paulo Ramos saiu da cena política, abrindo espaço para Vitorino Freire e Sebastião Archer que se reelegeu senador e governador respectivamente, Vitorino Freire enfrentando forte oposição no estado acusado de fraudar eleições e ser o culpado pelo atraso do estado do Maranhão, manifestações populares foram organizadas e causando o fechamento do porto de São Luís piorando a situação da economia do estado que foi apelidada “ilha rebelde” (COSTA, 2004, p.268).

O Maranhão em 1960 experimentava uma nova administração política por José Sarney como governador. O regime militar, instituído em 1964, é indicado como um grande salto e político para José Sarney com a retórica de limpar o país da corrupção subversão e retornar o crescimento econômico.

A população maranhense passou vários anos por um caos social, vivenciou mudanças de governos e medidas políticas, entretanto continuou em um estado de pobreza, analfabetismo, dentre outros problemas sociais e uma formação de uma nova oligarquia. O estado do Maranhão viveu por vários anos sobre uma autoridade política oligárquica e de desigualdades socioeconômicas beneficiando somente a elite, tornando assim o estado com mais problemas sociais do Brasil.

A cidade de Codó por volta dos anos 1780 a 1833 Codó era apenas um povoado, sendo explorada pelos nobres portugueses Luís José Rodrigues e Francisco Marques Rodrigues que vieram para explorarem as terras com a mão de obra dos negros africanos, os índios Barbados e Guanarés e outros escravos imigrantes, que trabalhavam na lavoura, esses índios que habitavam nas vilas sofreram muito na época por conta de conflitos que havia entre forasteiros.

Aos poucos foi se desenvolvendo e de povoado passou-se a Vila em 1833 com a resolução Régia e assinada mais tarde com a Lei Estadual nº 13 pelo Governador Alfredo da Cunha Martins, e em 16 de Abril de 1896, alterou Codó de Vila à Cidade.

#### Localização, População e Limites:

Situa-se na Zona 15 – Codó e conta com as seguintes coordenadas geográficas ao sul latitude de 4°26'51; longitude. Oeste de Greenwich 43° S.S.E. Tem altitude de 48metros na sede municipal. O Clima é muito quente nos meses de maio e agosto, enquanto as chuvas vêm de janeiro a abril. A temperatura atinge até 34°, ficando a mínima em torno de 23,5°C e a compensando em 26°, 5°C. O rio Itapecuru que serve a cidade quase sempre causa inundação com prejuízos a população ribeirinha. A área vem em torno de 4.246k<sup>2</sup>, enquanto a população estima em 104.217 pessoas [...] Riquezas naturais – Com Palmeiras de babaçu e carnaúba existem muitas madeiras de construção e muitas espécies de minerais como calcário, gesso, cal, giz, grafite, xisto, betuminoso, de que se produz querosene, gasolina e outros [...] (CARDOSO, 2001, p. 167).

Às margens do Rio Itapecuru, nessa época era um rio navegável que transportava mercadorias e passageiros que vinham e iam para outras cidades, como havia muitas mercadorias para serem entregues em outros dias fizeram um Paiol coberto por palhas para serem guardadas mercadorias e não serem danificadas. A cidade de Codó é cortada por três rios: o rio Codozinho, rio Saco e o rio Itapecuru eles se encontram e desaguam na Baía de São Marco já próximos a cidade de São Luís.

Codó era um grande produtor de algodão, sendo a primeira Fábrica Manufatureira e Agrícola inaugurada em 1892 como proprietário o Sr. Emílio Lisboa, passando logo depois para Sebastião Archer, com isso Codó começou seu desenvolvimento, o fluxo fluvial se intensificou com a produção Têxtil, suas produções saíam de Codó com diversas mercadorias. A fábrica produzia fios de melhor qualidade do estado de Maranhão. Sua economia agrícola posteriormente baseada em arroz, milho, mandioca e feijão.

A cidade de Codó era pequena não havia grandes populações, mas com a inauguração da Fabrica Têxtil, destacou-se no período Colonial tendo sucesso na participação do processo de industrialização no Maranhão. A mesma foi crescendo e gerando muitos empregos, se expandindo cada vez mais, sua principal característica eram seus casarões e armazéns antigos da cidade, a Ferrovia é a mais antiga, inaugurada em (1920) e fica bem no centro comercial de Codó, e todas as segundas feiras no centro ambulantes de outras cidades vem vender suas mercadorias com preços menores armando suas barracas até os dias de hoje.

A economia de Codó cresceu com a produção de algodão, obteve vários empreendimentos no setor Industrial no ano de 1895 de fornecendo produtos têxteis.

O Babaçu também foi de grande importância para o crescimento da cidade ao longo dos tempos, mas entre os anos de 1914 a 1918 houveram os primeiros conflitos com fábricas da Europa paralisada por conta dessas guerras, mas logo após os confrontos houve um aumento onde as fábricas tanto de Codó como de Caxias poderiam ter aproveitado para aumentar suas encomendas, com isso não souberam investir em sua produção.

Em 1950 e 1970 muitas pessoas vieram para o Maranhão a procura de melhores ganhos com esperança de um emprego, o estado apresentava uma economia mediana na agroindústria produzindo além do babaçu, também arroz e algodão.

O desejo do migrante nem sempre é de enriquecimento e fartura. O rumar ao Maranhão é, muitas vezes, mera estratégia de sobrevivência. Segundo seus próprios termos, muitos migram “pra escapar”. A conquista de um propalado eldorado é realizada por uma minoria que logra, através de estratégias políticas e/ou do trabalho árduo, desfrutar das benesses da natureza e das possibilidades de lucro que a

economia local propicia durante um período de média duração. (FERREIRA, 2016, p. 86).

Nesse tempo houve um crescimento populacional, ocorrido pela quebra do coco babaçu, sendo uma forte economia do Maranhão, que continua destacando-se até hoje, A vinda de pessoas para o Maranhão com a esperança de melhoria de ganhos não foi o suficiente, pois o mercado necessitava de pessoas qualificadas e a maioria eram analfabetos nos quais só teriam a mão de obra como forma de trabalho, sem nenhuma experiência ou qualificação a oferecer.

A importância do babaçu era ainda muito pequena com a produção retirada perto dos babaçuais que existia no estado do Maranhão. A falta de técnica para lidar com as amêndoas, pouco produto a ser comercializado causando assim prejuízos a economia. Aos poucos os envolvidos com o extrativismo foi melhorando com a lida do babaçu.

Apesar dos investimentos grande parte ficava estocada nos depósitos sem exportar o fruto, as indústrias nacionais que eram responsáveis havia impasses por competição do óleo nos mercados o único jeito era conquistar novos mercados para exportarem as amêndoas, entrando assim nos mercados internacionais. Em 1970, através dos incentivos estatais, através do progresso e direcionamento Amazônia (SUDAM) e do Nordeste (SUDENE) foi aceito várias propostas para transportar o babaçu e vinculados aos benefícios do coco babaçu.

### **1.3 A Educação no Maranhão e em Codó**

A Educação no Maranhão no período de 1960 e 1970 foi marcada por inúmeros entraves na qual a situação dificultou o processo do ensino público, bem como a falta de estruturação de verbas sendo este o principal fator para a aquisição de livros, criação de prédios escolares implicando assim na própria formação de professores que eram limitações a serem debatidas mais incisivamente no séc. XIX e XX.

Além disso, o papel da educação ou simplesmente o ensino, foi assumido em uma província onde há exemplos de outras. A educação (escolarização) era considerada atributos de poucos devidos seu poder aquisitivo, somente a elite possuía o privilégio de uma educação digna de qualidade.

Nesses séculos houve também muitos percalços políticos e econômicos e sociais por conta da reorganização da companhia de comércio Grão-Pará e Maranhão. Essa relação permitiu que a elite comerciária e agrária maranhense estabelecesse uma relação estreita

mercante com a Europa na qual tiveram condições de enviar seus filhos para estudarem em terras longínquas (em outros países) principalmente em Portugal, Londres e França, de onde estes voltariam um pouco mais tarde formados em Bacharéis e Doutores em Filosofia, Medicina e Matemática.

Os governadores da cidade de Codó indicavam cadeiras às vagas para professoras quando necessitava nas épocas de 1940 a 1970 tivemos ótimas professoras nesta cidade que formaram muitas celebridades que hoje atuam como Vereadores, Médicos, Deputados, Prefeitos, Advogados e muitos outros atuando em suas profissões graças a essas gerações passadas de professoras.

Realizavam o programa de Intuição Pública com leituras, interpretação textual, escrita, cálculos, ciências, física, atividades do pelotão de saúde, etc.

Houve também vários desafios enfrentados por essas professoras normalistas a falta de espaços nas escolas, materiais didáticos, transporte e outros. Mas o principal era trazer esses alunos para dentro da escola, muitos eram pobres não tinham condições. Os professores tiveram que convencer os pais desses alunos a necessidade e a importância da educação para seus filhos e para o desenvolvimento da cidade.

Muitos obstáculos foram enfrentados em trazer esses alunos para as escolas, mas com metodologias educacionais, tiveram grandes êxitos a dar uma educação de qualidade, essas professoras que foram o instrumento de mudança a nossa cidade.

De acordo com Sólon Borges dos Reis, a Escola Nova surge como instrumento de nacionalização do ensino, pois tinha necessidade de um nacionalismo, valorizar a educação física para as mulheres e os trabalhos manuais eliminando o preconceito pelos serviços de destreza manual seguia-se assim um modelo baseado nos projetos de Kilkpatrick de Decroly e o Plano Dalton adotado nos EUA, porém o estabelecimento de uma filosofia que fosse orientada pela racionalidade pedagógica, teve forte resistência por parte dos professores da educação básica.

Na elaboração deste programa, não houve o propósito de subordiná-lo a determinada orientação individual ou adaptá-lo a qualquer dos tipos escolares, abrangidos pela genérica denominação de “escola nova”, não é um programa de “centros de interesse” que, a basear-se de fato na didática decroliana, não pode ser delineado com antecipação. Mas, há estreita correlação entre as diferentes matérias, prestando-se, pois, para o desenvolvimento, não deve sacrificar o ensino das técnicas fundamentais. Constitui exceção àquele intento apenas a indicação sumária da processologia do ensino inicial da leitura, estando, porém, ressaltando o salutar princípio da autonomia didática, nos termos da observação anexa (São Paulo, 1941, p. 67)

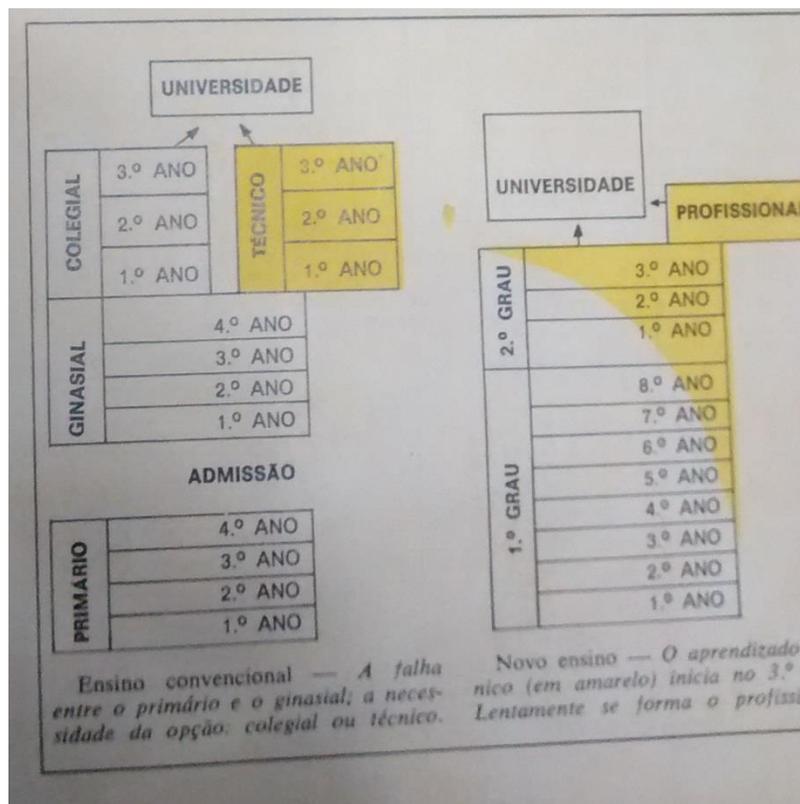
Os programas elaborados em 1949/1950 priorizavam: excursões, dramatizações, horas de histórias, brincadeiras e jogos.

A ampliação da carga horária do ensino primário ganhou força nas décadas de 1950 e 1960, pois havia um intervalo ocioso entre as 12 e 14 anos de idade primário e ginásio mediado pelo exame de admissão.

Na revista VEJA explica como será o Ensino Corrigido:

Quase todos os dias, dos últimos dois meses, cinco homens e três mulheres reuniram-se nas salas da faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Estudaram dezenas de documentos, discutiram informações e ficaram às vezes até a madrugada, refazendo os próprios trabalhos. Eles formaram o grupo de trabalho criado pelo ministro Jarbas Passarinho, de Educação, no dia 15 de Junho, com a finalidade de entregar em sessenta dias o anteprojeto da reforma do ensino primário e médio. Sábado passado dia 15, entregaram ao ministro 56 folhas datilografadas contendo as suas conclusões e transformando radicalmente todo o ensino básico brasileiro. Profissionalização – Ao contrário do sistema atual - com primário e ginásio separados por uma justificativa e dispendiosa admissão – a nova escola terá apenas um ciclo de estudos de oito anos (os seis primeiros obrigatórios e gratuitos), chamado “primeiro grau”. Nele, a partir do terceiro ano, o aluno começará a receber as primeiras noções de ensino técnico, simultaneamente com os conhecimentos gerais e gradativamente intensificados. Assim, no oitavo ano por volta dos catorze de idade o estudante já terá passado por um razoável aprendizado e encontrará menos dificuldades para conseguir um emprego embora apenas como mão-de-obra desqualificada. No “segundo ciclo” (correspondente ao atual colegial), o ensino técnico será ainda mais importante. Ao fim do curso de três anos o aluno receberá um atestado de habilitação profissional e poderá escolher entre: seguir para a universidade, trabalhar ou estudar mais um ano (o profissional) e receber um diploma de técnico especializado em nível médio. Nesse caso terá uma vantagem: ganhará créditos para a universidade. Isto é, ficará automaticamente aprovado em todas as matérias do primeiro ano de faculdade que coincidirem com que estudou no curso profissional. Em casos especiais regiões muito pobres onde os alunos não têm condições sócio-econômicas para estudar mais três ou quatro anos, a profissionalização poderá ser permitida no fim do primeiro grau. [...] (O ENSINO CORRIGIDO, VEJA, 19 agosto, 1970).

Tabela como opção ao novo ensino



(O ENSINO CORRIGIDO. VEJA 19 de agosto de 1970).

Baseado nos gráficos a tabela acima indica o novo ensino entre primário, ginásial e técnico, significa instalações novas a serem oferecidas e professores qualificados a ministrarem as aulas para o novo projeto apresentado.

A Educação no Maranhão nas épocas de 1960 a 1970 foram épocas muito vulneráveis ao contexto econômico do país e ao sistema educacional que era excluído das classes que dominavam o poder no período da Ditadura Militar, procurando entender como era a história desses professores e as reformas que foram implantadas nesse período.

Nos jornais se falavam sobre os baixos salários cita Ruy Soares:

[...] Pensamos assim não em função de nossa apaixonada ligação àquela Casa, más porque custaremos a acostumar-nos com a incrível verdade dos desníveis salariais existentes entre diversos mestres daquele educandário porque demoraremos a crer que ainda haja no Liceu, entre professores de igual e indiscutível valor, uns que em o privilégio de conhecimentos políticos Ima cátedra, condição essencial para desfrutarem um salário descente (aproximadamente 300,00); e outros os de turma suplementares, que força lhos impõe em presam seus trabalhos de nomes cultos em troca de um envergonhante salário-aula de oitenta e cinco cruzeiros. [...]. (JORNAL DO DIA, 1960, p. 05.

A Educação no Brasil foi ao longo da história um processo de longos debates e pouco investimento do poder público e por volta de 1960 a 1970 essa realidade não foi diferente. As camadas mais baixas da sociedade tinham acesso quase que somente ao ensino fundamental, onde mesmo assim orgulhavam-se em tê-lo concluído. Em quanto a classe mais favorecida e urbana estava a uma posição melhor qualificada, esses concluíam o ginásio que poderiam até ingressar em cargos de qualidade como; escritório, encarregados, supervisor ou até mesmo cargos públicos chefiando até uma repartição a quem se concluía o científico, pois essa era uma garantia de uma posição ao um nível superior importante da época, entretanto o ensino era rígido e de qualidade. Como destaca Furlan (2018), ao analisar a educação no período do regime militar:

A educação voltada aos trabalhadores objetivava a formação de mão-de-obra para ocupar inúmeros postos de trabalho. Portanto, era condição ao atendimento do mercado a formação de um exército de reserva com um mínimo de formação profissional. (FURLAN, 2018, p. 02)

Algum tempo depois a economia do país foi melhorando e as indústrias teve um forte desenvolvimento aos recursos baratos necessitando assim de mão de obra de todos os níveis contribuindo ao crescimento das indústrias.

Como a maioria não tinha qualificação para os cargos o governo militar não demorou em promover uma reforma educacional diminuindo os anos de formação do ensino fundamental que era de dez anos passou para oito anos e tirando algumas disciplinas que achavam inúteis do currículo escolar, como o latim e o grego acrescentando também outras matérias como história e geografia adicionando também alguns cursos profissionalizantes.

Era necessário então o máximo de pessoas a fazer um curso profissionalizante para que tivessem alguma qualificação e que a classe pobre estivesse no âmbito escolar e que permanecessem até o ensino médio, pois eram essenciais esses avanços em um momento de crescimento dessas indústrias.

Surgiu então um meio indispensável de se ter uma educação no momento, isso é claro, teria que ter uma organização e todo o material necessário para esta demanda e mais professores qualificados. Como tudo isso não foi planejado, optou-se por resultados mais simples e mais baratos aumentando a quantidade de alunos, mas o resultado não foi muito bom, pois as dificuldades foram aumentando a crise econômica piorando até gerar uma dívida externa altíssima até os anos de 1980, com isso a qualidade do ensino havia caído por conta da crise financeira e tendo um ensino da pior qualidade.

A educação no ano de 1960 era uma educação tecnicista, voltada para aguçar o pensamento do aluno tornando-o um ser crítico, que preparava assim o aluno para o mercado de trabalho sem questionar as imposições. O aluno era apenas um receptor de informações do professor, escutar e não indagar, o respeito era mútuo, do professor com a família do aluno os conceitos educacionais eram voltados para o saber, respeito ao próximo era a tônica. Saber o hino nacional e o hino da bandeira era sinal de amor a Pátria. Em 1960 início da ditadura a educação no Brasil era para poucos, pois mais da metade da população era analfabeta, na época o Presidente Humberto de Alencar Castello Branco governou entre 1964 a 1967, sendo ele um dos articuladores ao golpe.

[...] Consequência foi o apoio prestado à candidatura de José Sarney pelo governo do Marechal Castelo Branco (1964/1967). Este apoio se explica pelo fato de a UDN ter se constituído na principal base de apoio civil ao golpe militar, dessa forma, as lideranças udenistas obtiveram amplo acesso ao governo federal e atuaram, em conjunto com facção militar sorbonista (grupo dos generais Castelo Branco, Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva), no sentido de “limpar” (destruir) as bases políticas dos antigos partidos dominantes (PSD e PTB), ao mesmo tempo em que apoiavam as candidaturas da UDN nos estudos. (FURLAN, 2015, p.195).

Nas épocas da Ditadura Militar na educação brasileira de 1964-1988 foram deixadas marcas profundas, sendo que por muitas vezes você ouvia dizer que as escolas dessa época eram boas para algumas pessoas, mas como poderia ser boa se na época haviam poucos matriculados nas escolas básicas e poucos se formavam no superior. O regime centralizador buscava controlar o país de várias formas, a educação tinha o controle dos conteúdos ensinados nas salas de aula até mesmo os livros adotados eram controlados e o assunto que poderia ser ensinado. As disciplinas de história, por exemplo, passaram por novas medidas do que se poderia ensinar até mesmo o comportamento do professor em sala de aula tinha que ser obedecido ao novo currículo da época que foi reformulado para desempenhar suas funções ao regime que era imposto e espionado<sup>5</sup>, sem qualquer possibilidade de oposição. Por conta de alguns posicionamentos ideológicos em sala de aula por alguns professores uns foram demitidos, torturados, exilados, presos e outros excluídos pela violência a não seguirem as regras do regime militar.

No Jornal do Dia, no ano de 1960, p. 04 em São Luís, foi explicado os “Fins da Educação (título I art. 1<sup>a</sup>, letras a – f)”. Seguem:

---

<sup>5</sup> Facções que espionavam o que acontecia no Brasil, pelos agentes do Estado, no período que antecedeu a ditadura militar até a transição democrática.

O projeto de Lei nº 13 de 1960 que “fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional”, ora em tramitação na Câmara Alto do Polo, fruto da colaboração de representantes de TODOS OS PARTIDOS, formula uma filosofia da educação ao explicar os “Fins da Educação (título I art. 1ª, letras a – f)”:

“A educação nacional inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim: a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade; b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem; c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional; d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum; e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do mundo; f) preservação e expansão do patrimônio cultural”. Uma rígida reflexão sobre o art. 1ª basta a quem conhece as gratidões mútuas de uma filosofia de educação de inspiração cristã, para descobrir a significação para o Brasil que se construiu [...] (D. FRAGOSO, 1960, p.04).

Esses fins da educação direcionam a sociedade a compreender nossos direitos e deveres de liberdade, direcionando e desenvolvendo assim o indivíduo para um convívio social e cultural ao bem comum através da educação. Buscar soluções e melhorias, através de metodologias científicas e tecnológicas.

A primeira LDB de Diretrizes e Bases da Educação foi promulgada em 20 de Dezembro de 1961 (LDB 4024/61) na tentativa de reorganizar um novo ensino ao quadro político nesse período (golpe militar 1964) foi reformulada no intuito de melhorias por emendas e artigos, tiveram várias reuniões sobre a necessidade da educação entre professores e outros profissionais da área tanto públicos quanto privados, foi um encaminhamento dos ajustes apresentados como “Projetos Substitutivos”, com a finalidade de impulsionar a própria ordem socioeconômica ajustando-se a LDB.

O movimento militar de 1964 produziu efeitos em três direções. De imediato, foi desencadeada uma forte onda repressiva que atingiu, no Maranhão, os setores nacionalistas e de esquerda, capitaneados por Neiva Moreira e Maria Aragão. Assim, José Sarney, com uma postura mais moderada, se consolidou como uma das principais lideranças da oposição, tornando-se o seu candidato a governador nas eleições de 1965, com a proposta de um “Maranhão Novo” (FURLAN, 2015, p.195).

Pensando em uma ideia desenvolvimentista criada pelo governo, ajustou-se a LDB de 61, sancionando a lei de 5.540/68 ao ensino superior, sendo chamada de lei da reforma universitária, atendendo as exigências do ensino primário e médio, foram necessárias alterações instituídas pela lei 5.692/71 que alterou a sua denominação para ensino de 1º e 2º graus. Desta forma, as disposições previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024/61, relativas ao primário, médio e superior foram revogadas e substituídas.

O ensino normal com as formações primárias não oferecia segurança no vestibular pelo fato de muitos adolescentes não conseguirem entrar no ensino superior como diz Rosemberg:

[...] a educação brasileira só conseguiu romper as últimas barreiras legais em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que atribuiu equivalência entre os cursos secundários. A partir de então, o curso normal secundário, ramo intensamente frequentado pelas mulheres desde o final do século XIX, não mais foi discriminado por ser ‘apenas’ um curso profissionalizante, mas passou a possibilitar, também, o acesso ao ensino superior. A partir de então, as inúmeras normalistas poderiam ingressar na academia. E foi o que fizeram. (ROSEMBERG, 2012, p.334).

A trajetória das leis de diretrizes e bases da educação foi estudada para ter avanços, com diferença nas postulações como forma de permanecer como modelo a realidade e necessidade da população foram disponibilizadas as duas novas leis e sancionadas pelo Congresso, posteriormente em, 17 de dezembro de 1996, foi aprovada na Câmara e substituída pela LDB 9.394/96.

Nos períodos de 1960 e 1970 a educação em Codó e Maranhão não foi fácil, não se tinha estruturas e recursos para investir de forma efetiva em materiais didáticos, transportes e muitos outros. Desafios esses encontrados na época, em que as professoras davam assistências aos alunos carentes buscando conscientizar suas famílias da importância do estudo não só para eles como para o desenvolvimento da cidade

#### **1.4 A Educação Feminina e Condição Social da Mulher no Maranhão**

A mulher no século XIX e XX passou a ocupar espaços na sociedade e desempenhar papel importante e primordial na educação dos filhos, do esposo e o cuidar dos afazeres domésticos. Os médicos defendiam ainda que a mulher só sentia a feminilidade quando se tornavam mães e esposas.

Os médicos e educadores influenciados pelas ideias eugênicas, [...] defendiam que as mulheres precisavam compreender racional e cientificamente o desenvolvimento infantil e os princípios higiênicos para desenvolver plenamente a maternidade, cumprindo assim, com a função social de gerar e formar cidadãos saudáveis moral e fisicamente (BARBOSA, 2015, p. 177).

A escola ainda contribuiu para que a mulher adentrasse no mercado de trabalho, mas sobretudo em profissões que fossem consideradas adequadas para o público feminino, ou seja, em escolas, creches, como enfermeiras e atividades ligadas às crianças, senhoras e cuidados.

Até mesmo jornais incentivavam a participação da mulher na política, mas para isso a mulher teria que estudar, se formar, e ser disciplinada em todos os espaços públicos.

A mulher deu um grande salto na história passou por crescimentos e evoluções ao longo do tempo e atribuiu novas perspectivas para estudar, escrever e interpretar a história. A luta pela escrita da história da mulher comprova a modificação da historiografia Maranhense que devido à falta de estudos historiográficos estão necessitados de mais atenção e melhor elaboração teórica e metodológica, pois algumas têm deixado a desejar, assim encontram essas fragilidades nas Universidades da UFMA nos trabalhos de graduação e pós-graduação.

As oscilações que historicamente têm marcado a trajetória das mulheres no espaço público revelam que as construções culturais apoiadas, ainda hoje, na essência e natureza femininas tem sido determinantes para estabelecer e sustentar as diferenças nas posições ocupadas por homens e mulheres na família, educação, trabalho e outros espaços da vida social (REIS, 1993. p. 17).

A presença da mulher nesses espaços foi cada vez aumentando a busca por igualdade entre os sexos e melhoria de vida. A modernização da mulher e as desigualdades mantêm-se presentes até hoje na sociedade, exploração, discriminação, violência, tudo isso recaído sobre a mulher que é resultado histórico, pois a exploração do homem sobre a mulher não é algo inofensivo, ingênuo, vem historicamente. A sociedade queria uma mulher modelo em padrão, mulher rotulada como moças de família, moças para casar, obedientes, essas eram respeitadas pela sociedade as que não seguiam esse rótulo eram consideradas putas, não serviam para serem donas de casa.

Sobre a presença de mulheres em cursos de nível superior, pode-se ter no interior das instituições de ensino, diversos entraves envolvendo as mulheres em espaços antes apenas ocupados por homens. Ainda que o discurso caminhasse cada vez mais para a necessidade de inseri-las como economicamente ativas, as mesmas (ao estudarem) eram constantemente vistas como ameaças à manutenção da família, dos bons costumes e eram ainda encaradas como concorrentes dos homens nas vagas dos exames e no mercado de trabalho. Ainda que as mulheres fossem “aceitas” na academia, as micro relações de poder eram comumente articuladas, no sentido de minimizar essa prática. (SALES, 2017, p. 139).

A mulher no contexto da história da educação no final do século XIX era vista com certa oposição pelo fato de ter sido excluída e ao mesmo tempo formada como educadora, pois inicialmente era inferior com características para desempenhar o papel de mãe e primeira educadora. Chegando no século XX as mulheres vão se tornando mais experientes, buscando conquistas e lutando por direito a educação e trabalho, procurando assim seus espaços.

Este processo de pluralidade feminina se deu como uma forma ativa na conquista do direito à educação, ao trabalho, ao voto e estava permeado por uma ideologia de manutenção dos patamares de desigualdade entre os sexos. A mensagem veiculada para facilitação do acesso de mulheres a outros níveis de ensino e cargos públicos remunerados ocorreu pela nova configuração da economia urbana, imposta no século XX, pela representação de mão de obra mais barata e pelo discurso buscando minimizar a ociosidade de mulheres de classe média (que já não era bem vista por intelectuais do século XX) (SALES, 2017, p. 149).

Diante disso somente algumas áreas do campo educacional eram consideradas compatíveis com a feminilidade e acabou seguindo os padrões, não podendo esquecer que a educação deu continuidade desde século XIX, com diversos movimentos e debates em relação à educação havendo assim muitas mudanças sociais na área.

Cresceu na década de cinquenta a participação feminina no mercado de trabalho, especialmente no setor de serviços de consumo coletivo, em escritórios, no comércio ou em serviços públicos. Surgiram então mais oportunidades de emprego em profissões como as de enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica, assistente social, vendedora etc. que exigiam das mulheres uma certa qualificação e, em contrapartida, tornavam-nas profissionais remuneradas. Essa tendência demandou uma maior escolaridade feminina e provocou, sem dúvida, mudanças no status social das mulheres (BASSANEZI, 2008 p. 624).

Com essa nova mudança da mulher trabalhar fora, se foi conquistando seus espaços virando propagandas em veículos de anúncios da época, até mesmo padronizar suas formas de vestir e comportar-se ter novos hábitos, serem compatíveis as funções que iriam trabalhar, a mulher estaria inaugurando assim as novas possibilidades e diversidades.

[...] a busca honesta de um meio de vida pelas mulheres não precisa e não deve exigir que elas abandonem suas qualidades femininas peculiares: pureza, doçura, abnegação, espírito maternal e assim por diante. [...] somente uma estreita gama de funções era compatível com a natureza feminina e não representava risco de tornar as mulheres menos aptas, física ou psicologicamente, para a maternidade. Eram elas as de professora, assistente social, enfermeira, médica, dentista, farmacêutica, técnica de laboratório, assistente administrativa, secretária, vendedora, decoradora de interiores, funcionária de hotel, operária de fábrica (nas áreas têxteis, confecção, decorações, indústria de alimentos, chapelaria, e acabamento de diversos produtos), empregada doméstica e pequena produtora de produtos agrícolas (BESSE, 1999, p. 153).

À medida que os anos se passam, vão surgindo novos problemas a discussão da história, e novas abordagens se modificam, enriquecendo o campo da história e assim novos objetos irão surgindo. Os meios de comunicação implicavam com a mulher apontando-a que não era o certo trabalhar no mesmo ritmo que o homem, e ganhar os mesmos salários, pois perderiam sua feminilidade, mas isso foi uma forma de impedir competições entre ambos os

sexos, uma forma de ganhos e não existir desonestidades, uma forma com que a mulher adentrasse ao mundo do trabalho ganhando seu sustento, respeito e proteção garantidos pelo homem.

Mesmo que o contexto do casamento tenha permanecido com bases tradicionais, vale ressaltar que em algumas uniões houve alterações por mulheres em ter que trabalhar em outras cidades, uma forma de permanecerem em seus empregos se submetem a essas dificuldades, deixando suas famílias às vezes dias, semanas ou meses por conta da necessidade de seus empregos percebendo também mulheres melhorando seu desempenho profissional e procurando cursos fora de seus estados, estando sempre alerta para seus protestos e conquistas.

Com isso as mulheres foram tendo seus avanços chamando assim a atenção dos homens com o crescimento dessas mulheres sendo apontadas pela sociedade em não quererem ter responsabilidades com o lar, sendo sempre comentadas em noticiários e jornais gerando assim conflitos por esses apontamentos como se tivessem cometendo crimes em não apresentar sua posição anterior, (lar) sendo insistentes em não entenderem a posição atual da mulher em formatura, trabalho, aprovações em concursos, etc.

A partir do séc. XX já havia muitas mulheres formadas, com as faculdades de Humanas e Filosofia cada vez mais a mulher foi tendo mais visibilidade e ganhando seus espaços.

O mundo estava mudando e o acesso à educação superior, com o almejado diploma para exercer uma profissão, se configurava aos espaços demarcados pelas Ciências Humanas e o número de professoras formadas pelas universidades nunca foi tão alto. Na educação superior, o acesso das mulheres a esse nível de ensino se consolidou, mesmo com o ingresso ainda restrito para a maioria (ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 562).

As faculdades de Humanas são mais frequentadas pelo público feminino, com isso facilitou o acesso à entrada de mulheres nas Universidades. À medida que o tempo foi passando o grau de dificuldades nas universidades aos cursos superiores foram aumentando, gerando assim concorrências nos vestibulares. Não podemos deixar de destacar que no decorrer do ano de 1970 foi marcado por um grande número de mulheres a prestar exames na Universidade Federal do Maranhão que obteve também a concorrência em outros cursos inclusive medicina por mulheres.

Não é fácil traçar um perfil sobre a educação da cidade de Codó/MA nos anos de 1960 e 1970 para saber quais as professoras que ajudaram na construção da educação, pois

não se sabem bem as quais, haja vista que a maioria dos documentos que se encontram estão danificados por conta do tempo.

Em Codó o curso de formação de professores só surgiu a partir de 1952 com a inauguração do Ginásio Codoense, sob os cuidados da professora Carmem Palácio Lago, apresentando a primeira escola normal de Codó-MA. Dona Carmem Palácio Lago, nascida em Codó/MA, iniciou seus serviços como professora Normalista em 1941, exerceu suas atividades educacionais no interior de Pedreiras alfabetizando crianças. Nomeada pelo governador do estado para lecionar na escola Luís Rego desta cidade, foi à segunda diretora do Colégio João Ribeiro durante 35 anos e vários anos também no antigo Ginásio Codoense como professora recebeu várias homenagens e medalhas em agradecimento aos serviços prestados a educação; exerceu o mandato de vereadora Municipal de Codó nos anos de 1966 a 1970.

Ainda ao longo dos anos de 1950 e 1970 algumas outras mulheres despontam como professoras, diretoras e gestoras na educação em Codó, uma delas é Maria Gertrudes Bayma Archer da Silva, que foi à primeira diretora do Colégio João Ribeiro do grupo escolar como professora Normalista. Para ser escolhida a professora na época não era tarefa fácil, os jornais publicavam cadeiras onde fosse. Só em povoados, designava-se 1ª entrância; vilas, 2ª entrância e cidades, 3ª entrância. Os adversários remetiam seus dois envelopes; no primeiro dava-se preferência a entrância, no segundo colocava-se o curriculum e o diploma, mencionado as cadeiras pretendidas. Passando de 45 dias o governador abria os envelopes e nomeava as estâncias.

Diante da ausência de falas de mulheres e reflexão da presença feminina da educação codoense e no sentido de observar a dinâmica de mulheres num estado do nordeste, impregnadas de desafios lançados ao público feminino e suas realidades perante a educação formal é que realizamos entrevistas semiestruturadas com três mulheres brasileiras que vivenciaram a escolarização no período do estudo. Abaixo um quadro-resumo com as entrevistadas.

**Quadro 01**

	<b>ALZIRA</b>	<b>MARIA DO SOCORRO</b>	<b>ADORIVIA</b>
<b>IDADE</b>	76	72	79
<b>NATURALIDADE</b>	Codó - MA	Mirador – MA	Cajazeiras - PB
<b>FORMAÇÃO</b>	Ensino fundamental menor	Ensino Superior	Ensino Superior
<b>PROFISSÃO</b>	Costureira	Professora	Professora
<b>ESTADO CIVIL</b>	Casada	Viúva	Casada
<b>FILHOS</b>	Quatro	Quatro	Dois

Fonte: organizado pela autora, 2018.

Como é possível perceber, apenas uma delas foi nascida em Codó, no entanto as três traçaram sua trajetória estudantil e profissional na cidade. Na condição de serem as três casadas e de terem filhos, várias de suas falas e memórias intercalam as duplas e triplas jornadas femininas, ou ainda denunciam as situações de opressão e submissão que em que se encontravam. A seguir, analisaremos as entrevistas de cada uma delas sob a luz da importância da educação feminina para empoderamento das mesmas, para maior independência financeira e mudança da realidade social para as mulheres.

## **CAPÍTULO 02**

### **2. Mulheres e seus desafios para a escolarização: histórias, memórias e trajetórias em Codó nos anos de 1960 e 1970.**

Foi realizadas entrevistas com três mulheres, mulheres que enfrentaram os desafios das múltiplas jornadas femininas, que foram agentes de sua própria história e que encararam as contradições e dificuldades na escolarização formal no Brasil. Duas que tiveram êxito em poder ingressar em uma Universidade e exercer o curso desejado e outra que por conta de alguns desafios encontrados não tiveram o mesmo privilégio em concluir o ensino superior.

Primeiramente fui à casa de cada uma delas e as fiz o convite e apresentei o propósito da entrevista, e assim foi marcado dia e horário com cada uma delas. Já no segundo momento depois da entrevista foi dado um termo de compromisso onde foi lido e assinado por todas elas em suas entrevistas, dando o direito de expor suas falas, imagens e documentos cedidos pelas mesmas, inclusive a cerca de seus nomes reais.

Iremos recorrer à história oral com personagens vivos que enriquecerá as contribuições da pesquisa qualitativa, que é por meio da memória que as entrevistadas darão informações detalhadas do seu passado e o que se pensam no futuro.

[...] A memória, se considerada como lembrança e esquecimento ancorados no presente, para os mais cientificistas, uma fonte inviável para a reconstituição do passado. Mas, se deixamos de lado as preocupações positivistas dos trabalhos de história oral interessados em desvendar o que “verdadeiramente” aconteceu no passado, é possível perceber a riqueza oferecida pelas memórias. (KOFFES E PISCITELLI, 1997, p. 346).

Memória que essas mulheres trarão para o presente; suas lembranças pessoais suas alegrias, tristezas, emoções, choros, enfim suas trajetórias de vida. Depoimentos que serão reconstituídos em suas memórias que irei dissertar o que foi vivenciado ao longo do tempo por essas mulheres.

## **2.1 Mulheres e seus desafios para a escolarização: histórias, memórias e trajetórias em Codó nos anos de 1960 e 1970.**

A história oral é uma forma de compreender as experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida, mantendo um compromisso com o contexto social compreendendo assim um processo histórico inacabado é por meio do resgate da memória (individual e coletiva) que utilizamos a história oral como documentação histórica, a narrativa não é apenas um relato de uma ação no tempo, mas também um trabalho de linguagem em produzir racionalidades. Essas racionalidades consistem em detalhes da vida pessoal, para o narrador só interessa falar os aspectos úteis.

Tradição oral é narrada os fatos que o narrador presenciou sobre tais informações a visão cujos valores são filtrados e assegurados em referencia do passado. A base da história oral são os depoimentos gravados as entrevistas no qual o indivíduo é a fonte de dados a matéria prima para o pesquisador é a narrativa do entrevistado que ao contar suas experiências o entrevistado organiza os acontecimentos de acordo com seus referenciais do tempo presente no sentido de transforma-lo em linguagem aquilo que foi vivenciado por ele.

A história oral consiste em um novo ângulo de análise da vida organizacional, o que enriquece as contribuições da pesquisa qualitativa nos estudos, recorrendo aos personagens vivos para contar a história por meio da história oral para enriquecer o trabalho. É através da memória que o entrevistado consegue informações detalhados do passado e se pensa no

futuro, a história oral você lida com emoções, sorrisos, choros que incorporam na história de vida do entrevistado.

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o "indescritível", toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas "muito insignificantes" - é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão. (FERREIRA, 2000, p. 33 - 34).

Deste modo, podemos compreender que a história oral é válida como metodologia com o objetivo de coletar dados em diferentes caminhos, possibilitando compreender melhor as trajetórias dessas mulheres.

## **2.2 Instrumentos de coletas de dados**

Estas entrevistas foram muito importantes para esse trabalho, tendo em vista suas memórias acerca sobre a cidade de Codó/MA. Um trabalho oral de mulheres moradoras desta cidade, relatando suas experiências vividas ou até mesmo cruzadas de algum modo com este lugar. Iniciei minha pesquisa em Março de 2018 utilizando documentos e fontes oficiais e fontes orais com base nas entrevistas, preferi a pesquisa qualitativa aprofundada e exploratória. Iniciei minha busca pela Biblioteca Professor Fernando de Carvalho (Biblioteca Municipal de Codó/MA) onde não foi encontrado pouco material a respeito desse período e de Codó devido ao ano que estava sendo pesquisado, ou foram perdidos no tempo ou foram destruídos por conta desse tempo (sem condições de pesquisar).

Não consegui encontrar material na cidade por conta do ano da pesquisa, muitos documentos são produzidos diariamente em Codó, porém sua preservação não é proporcional à sua importância, principalmente setores administrativos dos diversos ramos da cidade. Desta forma a cidade de Codó é carente quando se tratam de fontes histórias, sua valorização e sua preservação, sendo que alguns materiais que foram encontrados na Universidade Federal do Maranhão são também importantes para o fomento da história local e instituições como o Instituto Histórico e Geográfico codoense como um espaço para preservação futura.

Resolvi ir à cidade de São Luís a procura de fontes históricas na Biblioteca Pública Benedito Leite, fiz várias pesquisas e encontrei pouco material da época e logo depois fui até o Arquivo Público (Secretaria da Cultura) também localizado na cidade de São Luís com

poucos arquivos também sobre a época da pesquisa, mas fiquei feliz com poucos documentos adquiridos para pesquisa. Não foi fácil, pois percorri muitos lugares para conseguir informações acerca desta pesquisa entre os anos (1960/1970) algumas dificuldades surgiram pelo caminho, mas foram momentos únicos tendo a proximidade com as entrevistadas que deixavam suas contribuições com algum conhecimento cada uma a seu modo tanto cultural como social, sempre objetivando a pesquisa.

### **2.3 Sujeitos da pesquisa**

As entrevistas aconteceram durante os meses de Março, Abril e Maio do ano de 2018 e inicialmente as conversas fluíram muito bem apesar de certo receio por parte de alguns entrevistados por terem que narrar suas histórias, mas tudo ocorreu satisfatoriamente.

As conversas eram prazerosas com risos e muitas emoções ao longo das entrevistas, suas histórias, suas lembranças, suas tristezas que eram lidas por seus olhos. Percebendo acerca de si algo que viveram e as despertaram.

[...] Lidar com as narrativas, portanto, nos parece um meio de encadear experiências femininas, memória e gênero. No entanto, não é suficiente afirmar que os elementos deste encadeamento – as experiências, as memórias que as recriam, adotando-as de temporalidades específicas, e as narrativas através das quais são transmitidas – são marcadas pelo gênero. O crucial aqui é mostrar como o gênero opera como essa operação marca as narrativas, bem como o que nelas se expressa [...] (KOFFES E PISCITELLI, 1997, p. 352).

O trabalho de entrevista foi feito com mulheres que tanto contribuíram para construção desta pesquisa. Todas elas autorizaram o uso de seus nomes e imagens, dispondo-as também de alguns documentos (certificados, diplomas, imagens e fotos).

Imagem 1 - Foto de Alzira Marques do Nascimento



FONTE: Arquivos pessoais (MARQUES, 2018)

A primeira entrevistada foi dona Alzira Marques do Nascimento, natural de Codó nascida em 01/09/1942, criada por seus pais com três irmãs e um irmão. Seu pai trabalhava na roça e sua mãe cuidava da casa e dos filhos, trabalhava em casa com costura para ajudar nas finanças. Encontrei dona Alzira na porta de sua casa quando ia passando e logo resolvi fazer o convite para ser uma das minhas entrevistadas por ser muito simpática e por ter mais idade, eu tinha curiosidade em saber como tinha sido sua escolarização. No primeiro momento percebi que tinha muitas coisas a contar com aquele seu sorriso largo cativante.

Ao ser questionada acerca da importância da educação e de como foi sua escolarização dona Alzira logo se reporta aos seus filhos destacando neles a importância de estudar e associando isso a um comportamento moralmente aceitável no ambiente escolar:

No colégio não vá brigar em colégio não, porque se brigar e eu souber quando chegar aqui apanha. (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03/ 2018).

Percebe-se que mesmo dona Alzira sabendo dos objetivos da entrevista e sendo perguntada sobre como foi à educação para si, ela ainda se reportou aos filhos, talvez porque estes tiveram mais oportunidades de realizar uma instrução formal ou por não saber como relatar sua própria história de vida. Seguindo uma linha muito próxima da educação que teve em casa ela apresenta a criação de seus filhos no mesmo ritmo que a sua, de forma obediente e comportada, simbolizando a reprodução dos costumes e hábitos relativos ao que se compreende enquanto hábito educacional que se reporta a uma cidadania ou pessoas “de bem”.

Ao reforçarmos nosso interesse em sua escolarização formal dona Alzira respondeu:

Sempre eu estudei no João Ribeiro eu nunca liguei para colégio não! Depois que eu casei ai que eu terminei a 4º série, bem ai no Senador! Fiz minha matrícula na escola normal, mas engravidei, passei ler e não liguei muito pra colégio não! (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03/2018).

Ao que nos foi apresentado na entrevista dona Alzira não considerou a escolarização formal algo relevante em sua vida, tanto que destaca, de forma enfática em sua fala, que “nunca liguei para colégio não!”. Essa perspectiva pode nos remeter a uma gama significativa de análises e uma delas está voltada para análise do contexto histórico das mulheres das camadas mais baixas, moradoras de zonas periféricas e, mesmo num contexto urbano, ainda muito ligado a valores morais e tradicionais da sociedade brasileira. Neste contexto, havia uma divisão histórica dos papéis masculinos e femininos, onde a estas cabia o espaço privado, a concepção de que todas as mulheres nutriam o “natural” desejo e realização pessoal em serem esposas e mães.

Essas afirmações não surpreenderiam uma esposa comum criada nos moldes das mulheres de classe média dos anos 50 no Brasil. Sendo herdeira de ideias antigas, mas sempre renovadas, de que as mulheres nascem para ser donas de casa, esposas e mães, saberia da importância atribuída ao casamento na vida de qualquer mulher. Teria aprendido que homens e mulheres veem o sexo de maneira diferente e que a felicidade conjugal depende fundamentalmente dos esforços femininos para manter a família unida e o marido satisfeito. (BASSANEZI, 2012, p.607).

Diante desta concepção, muitas mulheres não problematizaram suas vidas, praticamente não tiveram muita escolha ao seguir as normas daquilo que era considerado certo para uma mulher, com trajetórias muito próximas daquilo que dona Alzira nos revela ao justificar seu suposto desinteresse pela escola como algo que não lhe tivesse muita necessidade e focando no fato de ela saber ler enquanto algo suficiente, sendo impedida de continuar por uma gravidez aparentemente não planejada. Pode-se perceber que a possível continuidade aos estudos foi sufocada pela lida daquilo que era considerada a função social da mulher.

Fala ainda acerca da metodologia de ensino nas escolas que frequentou. Como o relato abaixo:

Os materiais didáticos eram a tabuada, lápis com caneta e borracha. Régua também eles gostavam de pedir e eu levava também, a régua servia né! Naquele tempo nem tinha livro pra gente comprar, era tudo copiado os pontos, passava as tarefas lá no quadro e copiava no caderno, era desse jeito! Tal dia vou tomar esse ponto bem ai, era história, ciências era isso. O livro só era da professora. Eu nem lembro mais acho

que eles que compravam, não sei como era não tô lembrada não. (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03/ 2018).

A autora Diomar das Graças Mota mostra na história da educação feminina maranhense que desde 1890 que se tem o registro de algumas reformas na educação com história das ideias pedagógicas que emergiam no Ocidente mais precisamente na Europa, entre os séculos XVIII e XIX. O conteúdo inicial da cadeira abrangia uma temporalidade que partia da Antiguidade, estendendo-se até o século XVIII, sem a presença das ciências sociais. (GRAÇAS, 2011, p.234).

Dona Alzira sempre estudou em escola pública. Aprendeu a costurar e se dedicou a costura, seu esposo trabalhava na roça demarcando terras quando às vezes ficava de três a quatro dias no interior longe de casa, dona Alzira não tinha muito tempo para estudar e ainda exercia em sua casa o papel de mãe e pai, chefia e gestão da casa, pois o marido ausentava-se com frequência. Mesmo sem perceber a dona Alzira tinha grande relevância em sua casa com autonomia e liderança.

Ao confrontar a educação oferecida a seu irmão e a si ela relata que nesta situação deixou de estudar para poder cuidar do seu irmão:

[...] meu irmão era da mesma idade que eu, meu pai mudou para o interior ai eu pensei; vou deixar esse menino aqui com quem! Ai não continuei mais, e depois que cresceram todo mundo invés deles cuidar de mim fui cuidar deles. Naquele tempo à necessidade que os pais tinham em ter seus filhos dentro de casa era maior, pois os filhos ajudavam a cuidar dos afazeres de casa e de seus irmãos, não havia cobrança da escola e nem os pais cobravam de seus filhos, a criança só ia para a escola se quisesse, se fosse muito bem, senão fosse deixava pra lá diz dona Alzira. Diferente dos dias de hoje que a exigência dos pais e da escola é bem maior! Naquele tempo as crianças ajudavam seus pais em casa ou na roça. A criança era obediente tanto aos pais quanto aos seus professores, quando não, eram castigados com bolos e se fossem reclamar com seus pais apanhavam ainda mais ou ficavam de joelho no milho, essa era uma criação de respeito mútuo diz dona Alzira. (MARQUES, Alzira, 01/03/2018).

Imbuída de todas as responsabilidades atribuídas ao universo feminino dona Alzira afasta-se cada vez mais dos estudos. Como uma forma de elaborar acerca de si uma memória de não fracasso percebi que Dona Alzira atribuiu às suas atividades no lar e com os filhos como uma boa justificativa para parar de estudar, pois, de acordo com a mesma, ela não se interessava mais pelos estudos. Como afirma: “Gostava mesmo era de ficar na costura!” (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03/2018).

Alzira afirma que achava lindo e tinha vontade de ser professora de português se houvesse oportunidade, gostava muito de observar pessoas que falavam o português correto,

mas preferiu ficar mesmo só com sua costura que lhe dava muito prazer e ainda conferia a oportunidade de não delegar o cuidado dos filhos à outras pessoas, pois seu “[..] marido trabalhava demarcando terras, ficava dois, três dias nos interiores então não tinha muito tempo de estudar” (MARQUES, Alzira, 01/03/ 2018). Tinha que cuidar dos afazeres da casa e seu desinteresse pelos estudos aumentava a cada dia, não por qualquer fator relativo à cognição ou por biologicamente ser mulher, mas por um conjunto de responsabilidades atribuídas como peso ao público feminino.

Eu sei as dificuldades que encontrava acho que por isso eu não levei a escolaridade mais a frente [falando e sorrindo ao mesmo tempo] matemática! (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03/ 2018)

Apesar de não ter avançado nos estudos formais é possível perceber em dona Alzira que a mesma possui bom diálogo, domina bem o português e está por dentro de vários assuntos da atualidade da cidade, uma demonstração de que a escolarização formal não é apenas a única via de interação de uma mulher em temáticas sobre política e sociedade.

Quando questionada acerca dos motivos da não realização de um curso superior, sua resposta relaciona-se diretamente com a discussão apresentada aqui acerca dos papéis masculinos e femininos:

Foram os filhos né, os filhos começaram a crescer já tinha dois na adolescência na mocidade não pensei em ir pra frente. Nunca pensei nessa parte ai de correr atrás de um serviço. Nunca acordei pra isto ai não, nunca pensei em emprego. (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03/2018)

Apesar de defender a ideia constante de que não gostava de estudar e que não teve mais interesse nos estudos, podemos perceber que o discurso de dona Alzira se remonta para o interesse que teve em ser professora e o interesse em que seus filhos pudessem estudar, estes cuidados em sua fala demonstram que ela confere valor aos estudos e formação em ensino superior.

Relata:

Se eu fosse me formar seria professora de português, porque eu gosto e acho bonito! Eu gosto muito de português é aonde eu me aperfeiço-o, pra mim saber pronunciar as palavras direitinho. Eu gosto de ver as pessoas que tem um português correto. (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03/2018).

Quando questionada acerca da possibilidade realizar um curso superior atualmente, ela responde:

Não, não faria, eu deixaria a oportunidade passar! Porque eu vejo as pessoas correndo quando chega ao último ano, não é fácil não, [...] Ave Maria! Professora mãe de família dona de casa e estudando no último ano pra gente saber o quanto é ruim o quanto é difícil o quanto é pesado, é só perto da porta da gente (risos) (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03/2018).

Percebe-se que dona Alzira soma as responsabilidades atribuídas ao universo feminino e isso fica mais evidente quando define as mulheres de hoje enquanto corajosas.

Bem, eu acho que as mulheres de hoje estão mais corajosas, arregaça mais a manga para reivindicar sua luta, e se não fizer assim não vai, hoje o mercado de trabalho requer muito que a gente faça isso né! Requer muito que agente estude e não pare não e agente se forme e ainda continua no estudo (MARQUES, Alzira, Codó, 01/03 2018).

Podemos perceber na fala de dona Alzira que, se expressa e fala muito bem, o interesse pelos estudos, o desejo de fazer uma faculdade, dar aulas de português esse interesse houve, foi tanto que ela mesmo desistindo de si fazia suas leituras em casa se interessava por vários assuntos; dentre eles a política e atualidades mesmo assim foi afastando-se de seus estudos preferindo assumir as atividades do lar, para não se sentir fracassada além de cuidar da casa se dedicou a costura. Ela diz que a mulher de hoje é corajosa, a vejo corajosa também em desistir dos seus sonhos, sua formação em dedicar-se ao lar.

Imagem 2: Maria do Socorro Guedelha



FONTE: Arquivos Pessoais (GUEDELHA, 2018)

A segunda entrevista foi dona Maria do Socorro Guedelha Borges, uma mulher de coragem diante de um tempo difícil, que enfrentou um tempo de imposições perante a mulher, percebi que dona Maria Socorro foi uma mulher forte e perseverante, enfrentou conflitos e contradições em sua época. Conseguiu seu sucesso profissional basicamente sozinha, ao se graduar em História na Universidade Estadual do Maranhão, na própria cidade de Codó, concluiu em 2000.

Maria do Socorro nasceu na cidade de Mirador/MA no dia 25/10/1946, abandonada por sua mãe e criada por sua avó, conta que não teve uma infância muito boa, pois sentia não ser amada como desejava. Mas sabia que era uma criança iluminada e abençoada, por ter vivido em um lar com tantos conflitos em sua infância e adolescência nada a afetou em não ter o apoio e o carinho que precisava na época de sua família, viúva com quatro filhos, e hoje com 72 anos viúva, mãe de quatro filhos e já aposentada se realizou com sua profissão.

Só houve um imprevisto assim, na minha vida eu tive uma febre tifu, despachada de médicos na época eu ia fazer a 2ª série [...] porque naquele tempo agente estudava, estudava mesmo! (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Dona Socorro relata que a maior dificuldade enfrentada em sua escolarização se deu no desejo de cursar o ensino fundamental maior, pois esse momento de passagem de ir para um grau de ensino maior coincidiu com a perda de sua avó, ente muito querida e que tinha significado profundo em sua vida. Lembra que ficou desesperada imaginando como iria fazer para conseguir estudar em meio a esse conflito emocional e a ausência da avó que era a pessoa que a auxiliava para continuar na cidade, classifica como seu pior momento e diante deste quadro ela lembra que não queria parar seus estudos e ir para o interior morar com sua tia, pois teria que trabalhar quebrando coco.

Recorda:

Ficava pensando, meu Deus! Será que eu vou dar conta dessa história, porque eu não fui criada assim! Mais ai, sempre a gente acha alguém que dá uma palavra: “Socorrinha, pra Deus nada é impossível vai dar certo” E eu fui para um pensionato meu pai pagava eu tinha pouco, mas esse pouco não me fez ter medo dos desafios e eu fui em frente, embora tivesse um emaranhado de dificuldades, perdi o ano nesse tempo, mas continuei! Nesse tempo às vezes eu não tinha uma meia para por no pé, mas sempre tive amigos que me ajudasse e me presenteava até farda da escola eu ganhei! (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

É possível perceber que o discurso apresentado por dona Socorro é organizado em torno de uma criança/jovem/mulher que desde muito cedo se interessava pela instrução formal

e que temia a possibilidade de não dar continuidade aos estudos. Revela acerca da si um amadurecimento desde cedo e a compreensão a importância da educação para sua vida. Quando questionada acerca dos métodos de ensino utilizados por suas docentes no ensino fundamental ela destaca:

Eles já usavam tampinhas de garrafa, cartolina aquele tempo já tinha, já tinha numerais em cartaz na parede, já tinha cartaz dos seres racionais e dos irracionais e já era um tempo assim que a coisa não era apagada não era arcaica, não era arcaica mesmo a gente dizia há no meu tempo não tinha isto as tampinhas já existiam, destas garrafinhas de coca cola e de guaraná, e se trabalhava com carocinhos de palma tinha uma frutinha chamada sabonete redondinho assim, a gente levava e já se usava mesmo. (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Em suas lembranças ela já faz uso de uma escolarização mais dinâmica, com uso de recursos e materiais para dinamizar o ensino. E destaca certo saudosismo e relevância, para o período em que era aluna, como algo de melhor desempenho àquela época do atualmente. E os professores utilizavam livros na época também?

O professor naquela época é uma coisa assim quase impressionante eles eram bem rígidos, porque eles ilustravam uma aula assim, já existia o planinho de aula, os objetivos, os objetivo geral os objetivos específicos a motivação, aquele desenho, mas tinha cada professor bom, bom de trabalhar com português ali, o que é um adjetivo o que é que é sem precisar de nada de nada, tinha uma professora chamada Lurdinha nunca vi um cristão bom de português, boa! Boa, boa, boa! e outras preocupações que eles tinham era ler! Nós fazia o fundamental menor um curso de caligrafia, tinha o dia de sexta feira pras revisões de matemática aí tinha que vir também pras revisões de português e o aluno ele já tinha que dizer o que ele entendia, por conjunção ou você tinha que escrever uma frase que tivesse a conjunção igual o verbo a mesma coisa a interjeição a mesma coisa, já tinha muito professor, aliás todos, todos os professores eram formados, que eram formados. (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Num processo de elaboração discursiva tem-se a elevação da concepção de que temos sempre um passado colocado como melhor e mais sedutor. Muitas vezes são apenas concepções que não correspondem necessariamente com a realidade, pois como destaca Maurice Halbwachs (1990) há relação direta entre espaço e memória coletiva, e isso de que a educação escolar do passado, mesmo que sem datação estabelecida, era melhor parece ser algo muito disseminado na memória coletiva.

Dona Socorro conseguiu concluir os graus de ensino até o segundo grau e, já na cidade de Codó, ingressou no ensino superior da Universidade Estadual do Maranhão em 2000. Os cursos ofertados na UEMA àquela época eram apenas três: Letras, História e Psicologia, destes três cursos dona Socorro destaca que teria interesse por qualquer um

fazendo sua escolha por História. Vale observar que este período era de grande disseminação dos cursos de humanas, a inauguração de faculdades da área de humanas e filosofia em várias regiões do país buscou oferecer formação em ensino superior para exercício do magistério e isso se deu como um atrativo para as mulheres cursarem uma graduação. Jane Soares de Almeida e Marisa Soares mostram que:

O mundo estava mudando e o acesso à educação superior, com o almejado diploma para exercer uma profissão, se configurava aos espaços demarcados pelas Ciências /Humanas e o número de professoras formadas pelas universidades nunca foi tão alto. Na educação superior, o acesso das mulheres a esse nível de ensino se consolidou, mesmo com o ingresso ainda restrito para a maioria (ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 562).

Quando questionada sobre algumas possíveis dificuldades para acesso ao curso superior dona Socorro focou a organização de sua memória de forma a lembrar de seu grupo das colegas de turma e do quanto elas estudavam e se davam bem:

Eu achei muito foi bom, assim a gente, eu fazia parte de um grupo de um grupo assim bem forte era a Rosimeire era a Gloria Baubina era a Diana da Trizidela e o marido se estivesse nos estudava, tinha dia que era na casa de uma, as vezes eu chegava três e poucas da manhã, a gente estudando no dia que tinha seminário estas coisas pra gente apresentar porque você tinha sua hora de falar sobre algo e foi bom demais. (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Ao não destacar nenhuma dificuldade, dona Socorro constrói sobre si uma trajetória de protagonismo e valorização pessoal e profissional. E mesmo já sendo uma mulher casada, ao realizar seu curso superior destaca que apenas obteve incentivo do marido para o fazê-lo.

Não, aquele dali me apoiava em tudo, em tudo só Deus! não tive dificuldade, se tinha uma reunião chegava atrasada, o que é que houve? Que demora foi esta! graças a Deus nunca existiu uma doença chamada ciúme, porque isso é horrível, apoiou em tudo, no caminhar da vida em tudo, eu ia pra casa dos meus colegas e voltava três e poucas da manhã e ele estava calmo! (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Questionada acerca da inserção no mercado de trabalho e a importância do ensino superior em sua atuação profissional, dona Socorro revela que seu maior interesse na escolarização acadêmica se deu em busca de uma aposentadoria melhor remunerada, pois ela já tinha toda uma trajetória enquanto docente se encontrava doente e a aposentadoria sem a formação superior deixaria seus vencimentos muito abaixo do que ela esperava:

Eu já tinha aposentado do Estado e do Município, eu tinha que trabalhar mais cinco anos pra poder pegar um dinheirinho a mais pra poder... É aquele processo todinho, mas aí o secretário na época disse que era meu amigo, (eu adoeci de depressão nesse tempo) aí, o que, que acontecia? Eu tinha que sair da sala de aula e ficar lá na secretaria, muita gente vive aí no mundo e só recebendo dinheiro, mas aí uns foram favoráveis a prefeitura e ele não, foi seu Biné. Aí o que é que eu fiz bom era bom o dinheirinho a mais que vinha, mas entre o dinheiro e minha vida, eu preferi a minha vida, porque não custava eu ficar eu me propus a ficar lá pela secretaria de educação. Todo mundo foi a favor que eu ficasse na secretaria de educação ele não concordou, aí ele estava bem sério, e eu não ia persistir em uma coisa que viesse a me prejudicar, mas que valeu a pena, valeu e vale, só um convívio, as descobertas que você faz em termos de aprendizado de coisas que você não conhece de coisas que lhe servem pro cotidiano para você passar para alguém de coisas que não são arcaicas, não envelhecem, foi o máximo. (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Quando dona Socorro entrou no mercado de trabalho enquanto professora ela ainda não tinha a formação acadêmica, ela tinha o curso (Escola Normal de Colinas/MA) feito entre os anos de 1965/1966 e ao entrar no mercado de trabalho, sobretudo este, que era massivamente ocupado por mulheres, ela não relata dificuldades, porém, denuncia algo que era muito comum à época: o preenchimento de vagas de postos públicos por meio de favorecimentos pessoais. dona Socorro mais uma vez demonstra uma característica de autonomia ao ter a iniciativa de buscar um emprego e os arranjos pessoais que foram necessários:

Então a resposta foi por telegrama que providenciasse urgente a documentação e viesse pra cá. Aí eu providenciei a documentação, fui a São Luís, vim pra cá, tirei tomei posse, logo aí na escola normal depois vim pra cá e 30 de abril fui com o Dr. Anselmo á São Luís tomar posse no Estado em Dezembro de 67 e em Março eu já era funcionária da Escola Normal. (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Dona Socorro destaca ainda que sua inserção no ensino superior foi uma inspiração para seus filhos, que seguiram também o caminho acadêmico:

Foi talvez o maior incentivo que se pode dar para um ser humano! Gorete resolve fazer a faculdade dela, fez História, Elisinha resolveu fazer, fez História! Minha nora resolveu fazer fez Letras, o Paulo fez História e fez Educação Física na UFMA, eu fui assim uma porta que se abriu pra eles, certo que não fui beneficiada. Dinheiro foi assim, dando pra passar, a gente sabe é indispensável à sobrevivência, mas dinheiro nem sempre é felicidade e o importante é que eu moro na minha casinha própria que isso é uma benção. (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Ao ser confrontada com a comparação entre as mulheres de hoje em relação à sua época estudantil, dona Socorro destaca que:

[...] eu acho que você deve trabalhar por amor, procure saber se você tem tendência por aquilo, se você tem vocação por aquilo, não trabalhe por necessidade nunca! Trabalhe por amor, porque eu às vezes eu vi em Codó gente, pessoas lentas, quem não tem? Todo tem então eu chegar todo dia dar bom dia, então eu vou deixar o meu problema atrás da minha porta aqui da minha casa, porque meu chefe não é responsável por aquilo, eu sei que minha colega de trabalho não é responsável por aquilo meu aluno jamais ele é responsável por aquilo se ele me perguntar [...] Hoje o seguinte trabalhe por amor tenha compromisso e o professor hoje faz uso da internet, usa o celular, mas não lê, não lê! A leitura está aqui descoberta se eu estou escrevendo uma palavra errada, ouça um jornal [...] que a educação está na UTI e a gente pode se salvar. [...] Eu acho, e não me arrependo de ter sido professora não. Agora existe um lado, Deus permita que ainda tenha representante deste país árduo na educação pra ele ver todo mundo pra chegar acima da montanha passa pela mão do professor [...] É gratificante valeu a pena nos meus tempos é, a gente conquista muita amizade, a gente aprende muita lição de vida. (GUEDELHA, Maria do Socorro, Codó, 02/03/2018).

Ela remonta uma trajetória para si abordada no amor, tanto sua escolha e atuação profissional, quanto em sua condição de aluna. Usa, assim, elaborações coletivas e históricas de um discurso sobre o feminino e o atribui a si mesma, onde se coloca como sentimental, sente em seu trabalho não uma relação profissional, mas de missão e amor e mantém o apego ao passado considerado sempre melhor e digno de ser copiado. Quando questionada diretamente sobre a situação da mulher, seus desafios pessoais enquanto mulher e indicações do que ela diria às mulheres, dona Socorro quase sempre fugia às respostas, não sendo específica e dando sempre a ideia de condições iguais para mulheres e homens.

Imagem 3 – Adorivia Gonçalves Rolim



FONTE: Arquivos Pessoais (GONÇALVES, 2018)

Adorivia Gonçalves Rolim a terceira entrevistada, nascida em Cajazeiras município da Paraíba, em 20 de agosto de 1939. Estudou até o ensino médio completo. É uma senhora culta, fala corretamente as palavras e percebi que prestava muito atenção em minhas palavras também. Durante nossa entrevista ela balançava todo tempo em sua cadeira e às vezes gesticulava ao se expressar. Fiquei feliz com sua entrevista, pois muitas coisas que contou vivenciei no meu tempo de escola, gostei dos conselhos em sempre fazer planejamentos em sempre estudar, pois como ela diz:

O aluno estará estudando um assunto que só você sabe; então você não pode ter dúvidas no que está transmitindo, ensinando ao aluno, pois o aluno confia em você e se de repente você titubear, fica feio para o professor realmente! (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018).

Pois aquilo que você sabia/conhecia até ontem, pode estar ultrapassado e não ser mais uma verdade absoluta. É preciso entender que a todo o momento, temos que questionar e rever nossos pensamentos, convicções, conceitos e crenças sobre aquilo que aprendemos e conseqüentemente, o que ensinamos tudo que é transmitido ao aluno pode ter conseqüências no futuro porque às vezes o professor não tem tempo de analisar ou mesmo refletir sobre aquele acontecimento e ao transmitir errado ao aluno pode vir sim afetar sua vida futura.

Quando questionada sobre sua escolarização ela respondeu:

Eu fiz só até o médio que é o adicional, nesse tempo aqui tinha um adicional que era o complemento do fundamental que é o ginásio essa época eu fiz e lá na Paraíba quando eu comecei o primário foi muito interessante, por isso que eu digo que é dom [...] a 4ª série eu fiz a 4ª série três vezes, porque eu não queria largar a escola e o papai não tinha condições de voltar para a cidade e nem deixava, era filha mulher tinha que ficar embaixo da asa né, mas ele era muito bom, não tinha condição também, então eu fiz esse curso da 4ª série umas quatro, dava um nome o professor dava um jeito era uma só professora a escola era mista, aí ela sentiu necessidade de uma pessoa para ajudar pras crianças que tinha crianças, não tinha uma sala só pra crianças tá entendendo era mista, aí ela me escolheu foi aí que eu fui criando mais vocação. [...] ele me arranhou pra eu ficar ensinando na escola ele dava assim uma remuneração era uma ajuda para incentivar também né, aí isso aí era na década de 50 pra frente mais ou menos 55 por aí assim, aí ensine esses tempos todinho lá assim [...] porque você não vem fazer o curso de admissão na época tinha um curso de admissão eu não sei se você ouviu falar era tipo uma faculdade, aí eu fui eu acho que tudo vem na hora certa! [...] essa minha amiga e aí ela me considerava professora e por conta deu ter ensinado esse tempo todinho lá no interior como menina eu acho que ela era criança ainda tinha o que 16 anos, eu precisei aumentar minha idade para poder receber a remuneração. Então isso me cativou me incentivou pra chegar aqui, isso foi em 61, fiz esse curso tirei em primeiro lugar, até outro dia eu tinha o diploma, mas as coisas vão se estragando né! (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018)

Imagem 4

Nome do aluno Adorivia Gonçalves Rolim  
Data do nascimento 01-08-1939 Cidade Cajazeiras Estado Paraíba  
Nome do Pai André do Cunha Rolim Nome da Mãe Luízia Gonçalves de Sousa

**Exame de Admissão**  
Estabelecimento que expediu o certificado Ginásio Prof. Heitor de Alencar  
Cidade Cajazeiras Estado Paraíba

**RESULTADOS:**

Português 8,5 Aritmética 6,0  
Média Geral 8,6 Data 1969

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ  
UNIDADE DE INSPEÇÃO ESCOLAR  
Tendo conferido as medidas finais constantes deste documento, referente aos estudos de 1969, Declaramos sua regularidade.  
1969  
Inspetor de Exame

Modelo 1

FONTE: Exame de admissão ano de 1960. (GONÇALVES, 2018)

Já no começo de seu relato dona Adorivia relata das dificuldades de escolarização para as mulheres, principalmente para aquelas que vinham de uma família de baixa condição social. Ao se confrontar com as dificuldades para concluir apenas o ensino fundamental ela destaca que, para não ficar parada, ela precisou repetir a mesma série por três vezes já que sua família não tinha condições financeiras de se manter na cidade e que sozinha ela foi impedida de ir, pelo fato de ser mulher, quando ela mesma destaca: “era filha mulher, tinha que ficar debaixo da asa, né?”, aonde a mesma assume uma abordagem que lhe foi imposta como verdadeira acerca da condição social feminina nos anos de 1940 e 1950.

Traçando um caminho muito comum, de jovens mulheres das camadas mais baixas, dona Adorivia dedicou-se ao magistério das séries iniciais, pois este era considerado uma das poucas profissões dignas do público masculino. Apesar de ser algo que desde o século XIX veio acontecendo no Brasil, as primeiras décadas do século XX ainda marcaram muitos desafios para as mulheres nesta profissão e esteve muito relacionada à expansão do ensino primário em todo país.

Com a ampliação dos ginásios, na década de 1950, assistimos ao crescimento do ensino Normal, cujo número de professoras formadas passou a exceder a capacidade de absorção da rede estadual. No ensino público primário, a saturação do mercado de trabalho marcou as décadas de 1940 e 1950. (VIANNA, 2013, p. 165)

Ainda sobre sua experiência profissional no magistério primário, dona Adorivia destacou que para concluir o ensino fundamental maior fez uso da modalidade de ensino à distância, realizando supletivo pelo rádio:

Eu terminei o primário em 55,56 por aí. Já era em 61, cinco anos eu tinha aí eu fui fazer o seriado começando da 5ª série sempre fazendo o supletivo, fiz o supletivo pelo rádio e sempre ensinando. Em Cajazeiras me arranjaram pra ensinar na escola da Maçonaria mas daí foi pago pela prefeitura, a prefeitura ajudava e aí eu acabei ensinando esses anos todo lá ensinando, quando cheguei aqui eu ia fazer o que o último ano do supletivo que era Geografia assim [...] 7ª aqui aí continuei na 7ª série aqui não parei fiz o supletivo na escola normal quando eu terminei o ginásio a 8ª série aí fui fazer no Codoense, mas aí não tinha o ginásio completo, o adicional como tinha na escola normal nessa época não tinha, aí eu fiz no Codoense o adicional que é o complemento do ensino, não era superior era fundamental né que até o médio é fundamental né então eu fiz esse adicional aí fiquei sem estudar [...] em 86 começou minha história, minha história em 86, lá em Paraíba eu ensinei 11 anos e aqui quando foi em 86 eu tinha sempre uma promessa tinha um vereador, acho que você não conhece é Domingos ele mora no interior, ele morava aqui na Porto Alegre aí ele disse assim dona Adorivia eu sei que a senhora não tem condição, tem vontade e tem necessidade de trabalhar mais eu só vou arranjar uma nomeação pra senhora se for do Estado, era vereador ele poderia arrumar muito bem no município né, aí chegou, telefonou eu tenho uma notícia boa pra senhora. O que é seu Domingos? Olha a senhora vai receber uma nomeação pelo Estado. A gente fica aflita né, eu operada como é que eu vou fazer ir ao Codoense pegar os documentos? Ele falou: Mande sua filha, mande só seus documentos e pronto! Foi tanta facilidade, não deu trabalho à menina foi de noite com chuva, trouxe os documentos prontos. [...] e daí começou né a minha trajetória eu sei que eu continuei, não estudei mais porque não tive condições, fiquei lecionando ensinei aqui 13 anos pelo Estado a primeira escola que eu ensinei foi a José de Freitas Costa, aí eu já fui pra 5ª serie porque o adicional dava a licença né pra ensinar até a 5ª série eu sei que hoje é tudo diferente, não é mas 5ª serie nem 6ª serie é 5ª ano, 6ªano, 7ª ano! (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018)

E assim foi apossada e recebeu a nomeação como professora na cidade de Codó, por meio de uma indicação para nomeação feita por um então vereador da cidade. Tendo uma análise muito focada em sua atuação enquanto docente, dona Adorivia destacou a profissão feminina no magistério como uma missão/vocação: E assim foi apossada e recebeu a nomeação como professora.

[...] É por isso que eu digo é preciso ter vocação! Porque você não conhece o aluno, eu só sou eu lá na sala de professora e eles são muitos. [...] E minha mãe tinha um dizerzinho assim; minha filha precisa vocação até pra lavar roupa. E é verdade isso mesmo me incentivou bastante, eu gostava de ensinar! Brincava a brincadeira minha era de escola quando era criança eu me lembro de que ia brincar com as bonecas e uma era professora, a outra era a aluna era assim, quer dizer é um dom que a gente chama isso. E sinto saudades, sinto sim! Dar conselho a cada pessoa e ir sempre com calma porque hoje tá mais difícil por causa dos alunos. Quando eles descobrem qualquer ponto negativo do professor porque às vezes o professor tutubia (sic), não prepara bem a aula fica difícil, tem que nunca deixar de estudar! Isso que eu fiz nunca deixei de estudar. Em casa eu dava aula eu me preparava eu mesma dava minha aula porque! Porque eu tô no meio vamos supor de 30 jovens eu dei aula

também pra adultos, idosos também quando eu cheguei [não entendi] ensinei também pelo Mobral lá e aqui, Movimento Brasileiro de Alfabetização que eu ensinei. Isso eu chegava e arrumava pra ensinar amo essa profissão, mas tudo é a vocação, vem do coração! [...] (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018).

Historicamente o magistério, como profissão feminina, foi destacado enquanto uma extensão da suposta vocação que as mulheres teriam para o cuidado com as crianças em virtude da situação da maternidade. O que se percebe na fala da entrevistada é o assumir dessa posição, que ao mesmo tempo em que pode ser lida como uma condição de inferioridade, para mulher deve ser compreendida enquanto oportunidade de emprego e renda para milhares de mulheres brasileiras desde o século XIX até a atualidade.

Já na condição de professora primária desde os 16 anos, dona Adorivia teve que completar os estudos no turno noturno, aonde apresenta:

Não, eu trabalhava de manhã das sete as onze de uma até as quatro, coisas rara de quatro até mais ou menos as cinco e meia eu alfabetizava umas pessoas adultas sabe! Tudo já no município era assim. Aí à noite eu ia pra escola o colégio era pertinho, o desafio porque pra estudar a noite pra quem é casado tem filho, não dá conta, porque meu marido também trabalhava a noite, mas aquilo ali pra mim não era nada, sabia que era a realidade! (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018).

Na condição de esposa e dona de casa, ela destaca alguns desafios de ser mãe de criança pequena e ter que se ausentar:

Eu tinha sempre uma pessoa e ele, porque às vezes ele ia a noite, mas às vezes ele não ia porque ele trabalhava no posto então ele ficava com as crianças, já eram grandinhos tinham 5, 6 anos então o desafio maior foi esse, deixar a casa e sair à noite é chato né! Mas achava melhor do que durante o dia, durante o dia você tem mil coisas pra fazer e a noite você vai fazer suas coisas, eu chegava 11:00 horas mas nunca reclamei. Eu estudava esse período e quando alguma pessoa perguntava, eu respondia: “mas não venha 5:00 horas não é a hora que eu vou estudar”. Tudo isso me incentivou, estudava era pelo rádio e eles mandavam as apostilas (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018).

Pode-se perceber que a sua carreira estudantil e profissional foi atravessada de muitos percalços, desde o fato de morar no interior e não ter acesso a outros níveis de ensino, dificuldades enfrentadas pelo fato de ser mulher e ter enfrentado empecilhos para o deslocamento a fim de estudar, até a inserção muito cedo no mercado de trabalho e casamento e vinda dos filhos. Desta feita, dona Adorivia não realizou um curso superior, associando este não acesso à:

[sorriu] Sabe o que é! Porque a gente quando casa os pais da gente dá uma educação assim as filhas tem que obedecer aos maridos, tem que ser submissa a esposa ao marido mas isso não significa que ele manda na gente, nem a gente manda nele, não é? [...] ai eles diziam não deixa sua mulher estudar não, ela já não estudou, não ensina, pois mulher é pra ficar em casa com os filhos! (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018).

Assumidamente a limitação imposta para continuação dos estudos e até mesmo à concretização de um salário melhor estava associada ao fato de ser mulher e à compreensão de que, uma vez casada, deveria ter submissão e obediência ao marido. Não ficou muito claro em sua fala, mas deu para compreender que ele não permitiu o ingresso no ensino superior e como a entrevistada mesmo revela, ela entendeu que devia obediência a ele, e não insistiu em continuar os estudos. Mesmo destacando essa cultura da imposição masculina sobre as escolhas femininas, sobre o futuro das mulheres e sua associação com a condição de inferiores, dona Adorivia revela uma espécie de discurso de conformação e associação com divino para justificar a sua história de vida traçada.

Não, porque aquilo que eu ti disse tudo é na ora certa! Tudo é a vontade do Pai, se não era pra mim fazer, eu não fiz, também eu acho que se eu tivesse feito também porque ia acarretar, e aumentar, era corrido, eu vejo esses professores todos de qual a mesma coisa a gente se formou porque o ensino é o mesmo você está fazendo história? (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018).

De todas as entrevistadas a que mais destacou de forma evidente a condição sociais a que mulheres estavam fortemente envolvidas no Brasil dos anos de 1950, 60 e 70, a questioneei sobre uma possível comparação entre as mulheres de hoje em relação à sua época estudantil.

As de hoje são boa, são heroínas! Corre atrás, antigamente o povo dizia não vai estudar porque não precisa! E quantas que moravam no interior, as de hoje são mais espertas ocuparam seu espaço, conquistaram o espaço delas porque elas ainda não tinham espaço, né? quem que via a mulher trabalhar? nem doméstica não podia, as vezes, elas foram aparecendo no mercado, e hoje tem mulher aí que é delegada. Então eu acho que foi um avanço, tudo isso partiu porque houve mudança, porque se tivesse ficado só no primário, no interior não era nada! Foi bom assim! (GONÇALVES, Adorivia, Codó, 10/04/2018).

É possível observar um discurso em que ela percebe avanços na situação da mulher, desta forma, se percebe isso, em outras palavras ela assume que a condição feminina era mais limitada anteriormente, inclusive a sua própria.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo também dessas mulheres podemos perceber não só a condição de vida dessas mulheres, mas as de suas famílias que interferiam direta ou indiretamente em suas trajetórias, escolhas, caminhos traçados. Com a modernidade a emergência de alguns valores sociais possibilitaram à algumas mulheres ingresso numa profissão, formação em nível superior e melhoria de seus salários, também algumas delas foram apadrinhadas e nomeadas para assumir o magistério primários, mesmo que não tivesse qualificação para tal fim.

Todas são mulheres fortes, mulheres guerreiras, renunciar uma carreira, como dona Alzira fez, e “preferir” se responsabilizar pela casa e filhos, foi uma escolha apresentada em seu discursos, apenas pelo âmbito de seu interesse próprio e pelo amor. Podemos citar dona Adorivia que gostava e tinha tanto nos estudos que repetiu três vezes a mesma série só para não parar, pois se encontrava numa cidade de alcance limitado para instrução formal. E ainda dona Socorro que desde pequena passou por vários desafios tendo que amadurecer fora de seu tempo cuidando de seus afazeres e se dedicando aos estudos, pois sabia que os estudos que iria dar-lhes futuro.

Uma marca comum à todas as três entrevistadas é que elas traçaram histórias de vida com muita luta, pois nasceram no nordeste, filhas de um sistema patriarcal que também impunha a supremacia masculina, filhas de famílias com baixa condição social que haviam se instalado, inicialmente, em regiões mais agrárias. As três privaram-se de seguir alguns desejos para se enquadrarem nos padrões normativos do ideal feminino, o casamento muito cedo (pelo menos para os padrões de hoje), a chegada dos filhos, a necessidade de dar conta de “n” coisas, inclusive de contribuir financeiramente com a casa fez com que o desejo de uma escolarização em nível superior fosse adiado ou mesmo nem chegasse.

O mais interessante a notar é que seus discursos não foram construídos em lamentações, suas memórias são renovadas na perspectiva de que fizeram o melhor para sua época e suas condições. Temos mulheres fortes, memórias fortes e protagonistas. É certo que devo levar em consideração que tais mulheres ao se confrontarem com uma entrevistada, os objetivos da pesquisa e com suas próprias lembranças, fizeram uma opção acerca de que história estariam desejosas de deixar registrada, os tipos de lembrança e como foram narradas fazem toda diferença quanto a forma como tais mulheres se enxergam e se percebem, ou não, as múltiplas violências a que sofreram no decorrer de suas vidas. Por aquilo que foi possível perceber as violências simbólicas, as imposições sociais que lhes “forçaram” algumas

escolhas não foram notabilizadas em seus discursos e memórias, e quando não são destacadas, é como se não existissem, resultando em um discurso homogêneo, linear e sem conflitos ou reflexões acerca dos conflitos que “saltaram aos olhos”.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: **Histórias dentro da História**. . In: Fontes Históricas. ed. Contexto. São Paulo. 2008.
- ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudoeste do Brasil, 1750-1822**. Rio de Janeiro: José Olímpio, Brasília: Edunb, 1993.
- ALMEIDA, Jane Soares; SOARES, Marisa. Mudaram os tempos, mudaram as mulheres? Memórias de professoras do ensino superior. **Rev. Avaliação**, Campinas, Sorocaba, São Paulo, v. 17, n. 02, jul. 2012, p. 557-580.
- BARBOSA, Juliana Carneiro. “A Deusa do Lar”: o ideal feminino em São Luís republicana (1930-1950). In: ABRANTES, Elisabeth Sousa (Org.). **Mulher e República no Maranhão**. São Luís: EDUEMA, 2015, p. 159-190.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; v. 1)
- BASSANEZZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- BASSANEZZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 608.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**: (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.
- BURKE, Peter. 1992 a. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: P. BURKE (org.), **A escrita da História** – novas perspectivas. São Paulo, UNESP, p. 327-348.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais. 2007. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/mulherhoje.html> acessado dia 15/01/2009.
- CARDOSO, Manuel Frazão. **O Maranhão por Dentro**. Manuel Frazão Cardoso, São Luís: LITHOGRAF, 2001, p. 167.
- CARDOSO, Irene. **Narrativa e história**. *Revista Sócio*: USP. São Paulo. 2000.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **História e Gênero**: um olhar crítico da obra. *História: debates e tendências*- v. 9. N. 2, jul/dez 2009, p. 450-452, publi, no 1ºsem.2010.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- DIAS-DA-SILVA, Maria Helena G. F. (1997), **Passagem sem rito: as 5<sup>as</sup> séries e seus professores**. Campinas, Papirus.
- FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **A invenção do eldorado maranhense em narrativas de migrantes nordestinos (1930-1970): aportes teóricos metodológicos**. São Luís, 2016.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e História Oral**. Topoi. Rio de Janeiro. 2002
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral/** Alzira Alves de Abreu... [et al]. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. 360p. il.
- FRAGOSO Antônio. Diretrizes e Bases da Educação. **Jornal do Dia**. São Luís, 1960, p.04.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil (...)**. São Paulo: Cortez / Brasília: INEP, 1989.
- GRESPO, Jorge. **Considerações sobre o método**. In: Fontes Históricas. ed. Contexto. São Paulo. 2008.
- HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente**. V.4: O século XIX. Porto: Afrontamento, 1994.
- MEIRELES, Mário Martins. Dez Estudos Históricos. São Luís: Alumar, 1994.
- JORNAL DO DIA**. Maranhão 1960, p.3
- MARANHÃO. Código de Posturas da Câmara Municipal de São Luís, 1866. In: SILVA, Monica Lima da. **Onde as raparigas não entram: relações de gênero e sociabilidade no Centro Operário Codoense – MA (1953-1963)**. 2018. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Federal do Maranhão, Codó, MA, 2018.
- MELO, Allana Bielly Carvalhal de. “Mulheres Perdidas”: sistema prisional e perfil das mulheres encarceradas no Maranhão nas décadas de 1950 a 1970. In: ABRANTES, Elisabeth Sousa (Org.) **Mulher e República no Maranhão**. São Luís: EDUEMA, 2015, p. 191-220.
- MEIRELES, Mário Martins. **Dez Estudos Históricos**. São Luís: Alumar, 1994.
- MENEZES, Djacir. Sumário histórico da educação no estado do Ceará. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Vol. II, n.6, dez. 1944. p.351-374.
- KOFFES E PISCITELLI, **MEMÓRIAS DE “HISTÓRIAS FEMININAS, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS.”** 1997 p. 346-352.
- KHOURY, Yara Aun. **Narrativas orais na investigação da História Social**. São Paulo 22 jun. 2001. Apresentada no Projeto História PUC – SP.

REIS, Maria Cândida Delgada. **Tessitura de Destinos: mulher e educação**. São Paulo: EDUC, 1993.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. Mulheres educadas na coloniais: **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: autêntica, 2000. p.79-94.

SALES, Tatiane da Silva. **GRADUANDAS DA ILHA**: um estudo sobre a presença feminina nos cursos de Farmácia, Odontologia e Direito em São Luís/MA (1940-1979). Belém, 2017 (tese de doutorado).

São Paulo Secretária dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação (1941). Programa de ensino para as escolas primárias. Anexo – Programa mínimo para o curso primário. São Paulo, Serviço Técnico de Publicidade.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para a análise histórica. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html). Acesso em: 06/07/2017  
SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História**. 3. Ed. Petrópolis: Campus, 1997.

\_\_\_\_\_. **História das mulheres e história de gênero**: um depoimento. In: cadernos pagu (11) 1998: pp.77-87.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. In: **Revista Brasileira de Educação**. ANPED / Autores Associados, n.14 – Especial maio/ jun./ jul./ ago. 2000. p.61-88

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

O ENSINO corrigido. **VEJA**. Rio de Janeiro: Editora Abril, 19 Ago.1970.

VILLETA, H. O. S. A primeira Escola Normal do Brasil: concepções sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In. ARAÚJO, J. C. S. FREITAS, A. G. B. LOPES, A. P. C. (Orgs.) **As Escolas Normais no Brasil**: do império à república. Campinas/SP: Editora Alínea, 2008

## APÊNDICE I

### ROTEIRO DA ENTREVISTA

#### Memórias femininas acerca dos desafios da escolarização em Codó/MA nós anos de 1960-1970.

Alexsandra Moraes Ideriba Correia

Data da entrevista:

Local:

Dados da Pesquisa

Nome:

Cidade de nascimento:

Data do nascimento:

1- Qual sua idade.

40 a 50 anos

60 a 70 anos

50 a 60 anos

acima de 70 anos

2- Qual sua escolarização

fundamental incompleto

fundamental completo

médio incompleto

médio completo

superior incompleto

superior completo

- 3 – Sobre sua infância: lembranças gerais, possíveis dificuldades encontradas. Sobre seus pais ou pessoas que lhe criaram e sobre seus irmãos, o que você tem a nos dizer?
- 4- Qual a profissão do seu pai e de sua mãe?
- 5- Quantos irmãos?
- 6- Quais escolas e municípios você estudou durante alfabetização, ensino fundamental e médio?
- 7- As escolas que você estava eram públicas ou particulares?
- 8- Quais os principais desafios encontrados por você durante sua escolarização?
- 9- Como fez para superar esses desafios? Contou com a ajuda de alguém?
- 10- Como se dava a relação professor e aluno em sua época escolar?
- 11- Quais os recursos didáticos/metodológicos eram utilizados por seus professores (a)?
- 12- A maneira como seus professores conduziam a aula era suficiente para compreensão? Justifique?
- 13- Você conhece alguém da sua época estudantil que tenha ingressado na carreira acadêmica?
- 14- Você fez curso em nível superior? Qual curso e em que instituição e ano você estudou?
- 15- Por quais motivos você não realizou um curso de nível superior?
- 16- Que tipo de dificuldades você enfrentou para acessar o mercado de trabalho?
- 17- Você atribui algumas dessas dificuldades ao fato de não ter formação em nível superior? Por quê?
- 18- Você, em sua época estudantil, nutria o desejo de ter formação em algum nível superior? Qual área você seguiria? Caso não tenha, diga por quê.
- 19- Se pudesse você faria um curso superior atualmente?
- 20- Como você compararia as mulheres de hoje em relação à sua época estudantil.

## APÊNDICE II

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu \_\_\_\_\_,  
CPF \_\_\_\_\_, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Alexsandra Morais I. Correia, para sua monografia, com o tema: “Memórias Femininas acerca dos desafios da escolarização em Codó/MA. (1960-1970)” a colher meu depoimento e usá-lo em sua escrita de Monografia vinculada ao curso de Ciências Humanas História na, Universidade Federal do Maranhão, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização de fotos do meu arquivo pessoal e depoimentos para fins científicos e de estudos (tese de doutorado, livro, artigos e slides), em favor da pesquisadora, acima especificada.

Codó, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Pesquisadora responsável pelo projeto

\_\_\_\_\_

Sujeito da Pesquisa

### APÊNDICE III

Exm<sup>o</sup>. Sr. Chefe da Unidade de Inspeção Escolar

A abaixo assinada, concludente do Curso Normal da Cidade de Codó neste Estado, vem com o presente solicitar de V.S<sup>a</sup> que se digne de mandar proceder à conferência das notas de seu Histórico Escolar e de seu Diploma de Professora para efeito de Registro.

Nestes Termos

P. Deferimento

Codó (Ma), 27 de Abril de 1976

Adorivia Gonçalves Bolim

Imagem cedida por dona Adorivia. Concludente do Curso Normal em 1976.

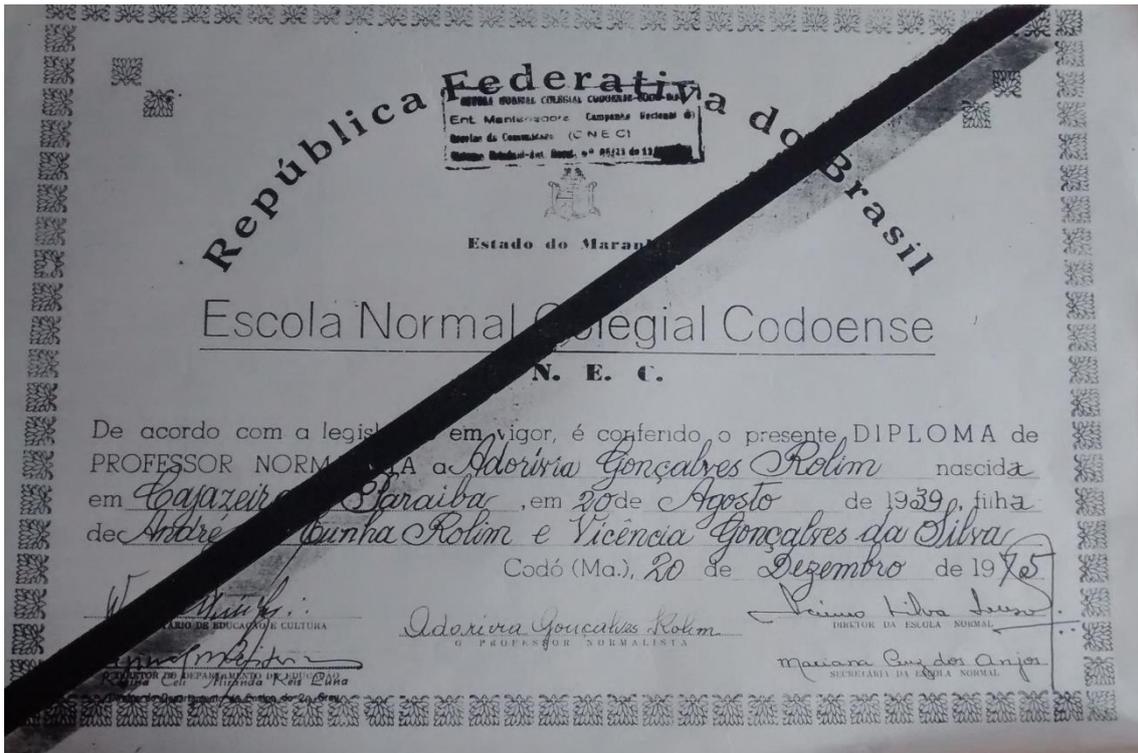


Imagem cedida por Dona Adorivã. Certificado de Conclusão Escola Normal em 1975.